

103-8

REVISTA LUSO-BRASILEIRA

PUBLICAÇÃO MENSAL

DE

LITTERATURA, INDUSTRIA, GEOGRAPHIA, POESIA, MUSICA, ETC.

REDIGIDA POR

Antonio Maria de Castilho Barreto.

1.º ANNO — N. 1. — 15 DE JULHO.

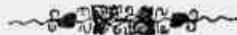


Rio de Janeiro

TYP. — GUANABARENSE — DE L. A. F. DE MENEZES
Rua do Lavradio n. 3.

—
1860.

**REVISTA
LUSO-BRASILEIRA.**



226

41

REVISTA LUSO-BRASILEIRA

PUBLICAÇÃO MENSAL

DE

LITTERATURA, INDUSTRIA, GEOGRAPHIA, POESIA, MUSICA, ETC.

REDIGIDA POR

Antonio Maria de Castilho Barrolo.



Rio de Janeiro

TYP.—GUANABARENSE—DE L. A. F. DE MENEZES

Rua do Lavradio n. 3.

—
1860.

INTRODUÇÃO.

 pós uma lucta de quatro mezes, eis ahí o 1.^º numero da Revista Luso-BRASILEIRA. Como foi malfadada! quão innumeraveis foram os tropeços que encontrou para poder entrar no mundo litterario! Que força de vontade nos não foi precisa para vól-o apresentar! Luctando entre os espinhos que lhe estorvavam a passagem, e o desejo de estudarm'os e de vos offerecer um trabalho condigno da protecção que nos haveis dedicado, vencemos alſim, e eis-nos erguendo o trophéo da victoria, para depôl-o a vossos pés — acceitai-o mesquinhó como é: respeitai-o pelos nomes que honram as suas paginas, embora desprezeis aquellas que a nossa inhabil penna vos offerece; são filhas do estudo que pôde fazer uma inintelligencia, convicta da cordialidade e amôr com que animaes e recebeis os convivas que por seu turno vem sentar-se no sumptuoso banquete da intelligencia.

Se um dia desmerecer, abandonai-a; mas attendei sempre a que a Redacção tem o mais forte empenho em vos agradar — que para isso emprega todos os meios de que pôde dispôr, já procurando merecer no seu gremio as principaes capacidades litterarias das duas nações, já procurando, por si, chegar um dia a alcançar a gloria de tornar a Revista digna de seus protectores e assignantes.

A REDACÇÃO.

CATÉRETÉ.

SCENAS BBASILEIRAS.

Que titulo é esse? — perguntareis sem duvida, filhos das grandes cidades do Brasil! Mal sabeis porém que crime de leza nacionalidade implica tal questão! Mal sabeis que poesia encerra essa palavra indígena! Mal sabeis que brasileirismo contem tal expressão!

Vou explicar-vôl-o.

O *Catéreté* é a dança do povo dos nossos sertões e das costas do nosso paiz; descende dos *fandangos* hespanhol e portuguez; mas o *Catéreté* brasileiro tendo o mesmo fogo que o hespanhol, não tem a sua luxuria, e diferença-se do *fandango* portuguez, porque conservando d'elle a mesma seriedade, excede-o em belleza pela animação de nossas patricias. Lamartine inspirou-se, segundo elle diz no seu *Cours de littérature*, na contemplação das montanhas azues da sua França, na apreciação dos costumes dos seus camponezes; nós, sem termos a louca pretenção de imitar o grande bardo do Sena, balbuciamos a primeira palavra de poesia, na suave contemplação das nossas serranias verdes, nos costumes dos nossos irmãos dos sertões, e nas bellas costas do nosso grandioso Brasil.

E mais razão tinhamos nós de ser grande poeta se nossa fraca pena podesse traçar na linguagem de Lamartine, o que vai de emoções n'este coração de mau prosador. Eu vôl-o provarei na descripção pallida de uma das noites em que despindo-me das ninharias sociaes, transpuz com o coração palpitando o limiar tosco de uma choupana de pescadôres, em que, se meus ouvidos perderam os sons das valcas francezas, elles e principalmente meu coração, ganharam com os echos repetidos pelas montanhas, d'essas canções tão brasileiras!

Era noite do Natal!

Os habitantes das praias do Atlântico, costumam festejar essa noite com danças e folguedos, toscos é verdade; porém mais sinceros do que os nossos; porque, convém que o digamos, elles são mais religiosos do que nós.

Alguem clamará sem duvida « esses rusticos mesclão a religião com crenças supersticiosas » mas attendei que se elles não comprehendem bem a nossa religião, é porque o não pôdem; e se nós a entendemos, não a veneramos com o fervor que essas imaginações lhes emprestão.

Agora pergunto-vos — Aos olhos de Deus quaes são mais desculpaveis? elles que sem a comprehendêr a respeitam, ou nós que intendendo-a nem se quer lhe emprestamos uma diminuta parte do culto do coração que elles derramão sobre as crenças de nossos pais?...

A casinha em que se ião celebrar os festejos, achava-se elevada sobre uma collina, de cujo cimo se avistava o mar, que primeiramente se não mostrava intiero, interceptado de pequenas ilhas, para depois se alargar em toda a sua soberana magnitudo. Era uma pobre casa de sapé. O *Caheté* humido pelo orvalho, encosta mollemente ás delgadas paredes da casinha, recendendo as auras de uma fragancia que só o *Caheté* possue.

Lá embaixo a alva praia era aqui e ali ennegrecida por uma *piroga*.

O mar que nessa noite tinha ouvido complacente as fervorosas orações das nossas trigueiras virgens, anciosas por coneorrer com a sua belleza simples e natural, para o brilliantismo do festim, offerecia seu largo dôrso, agora sereno, ao seindir das *pirogas*, e vinha manso estender suas vagarosas ondas na praia que nesse momento parecia um vestido de noiva orlado de ricas franjas de prata.

Depois de attender ao grito do coração que dizia — embriaga-me primeiro na contemplação da natureza e prescruta aos homens — entrei pensativo na choupana. Uma pleiade de donzellias se ostentava formosa, sentada em toscos bancos de *jacarandá*. Ah! Cantor da America, Chateaubriand, que pena não te achares nesse momento ahi com esses tão bellos typos, diante do teu poetisador olhar! Encontrarias mais uma Celuta n'essas morenas virgens, mais de uma tinha *sa taille haute, fine et déliée, tenait à la fois de l'elegance du palmier et de la faiblesse des roseaux* (*).

De pé, a um lado da pequena e simples sala, os mancebos ávidos de prazer aguardavam o instante em que tinham de ouvir os labios das *olhinhas-bellezas*, as cantigas dos passados amôres, e ver-lhes as morenas faces enrubecer-se como o jambo sazonado ao pronunciar esses versos que eram a confissão dos mais íntimos segredos.

Encostado a um portal, o velho pescador, dono da casa, que n'essas occasiões não folga com os mancebos, lia em cada rosto de virgem os sentimentos que na sua mocidade emprestava á consorte de seus amôres, e em cada olhar de um mancebo, recordava sem duvida as emoções que lhe assaltaram o coração em época bem remota.

E tinha razão o velho. Julguei ver-lhe duas demoradas lagrimas luzirem nas palpebras e espreguiçarem-se vagarosas pelas queimadas faces do velho, indo confundir-se nas barbas brancas, como a espuma das nossas cachoeiras.

Esperavam todos por uma personagem, sem cuja presença as donzellias não se levantariam de seus lugares, e os mancebos não poderiam dar expansão a essa timidez que no principio das festas, sempre se apoderava de todos.

(*) Natchez — Livre I.^{er}

Um dedilhar de cordas sonoras assagou-me graciosamente os ouvidos, e esse dedilhar parecia aproximar-se pelas devejas das collinas. Os castos seios das virgens arfaram com a mansa onda que estendia-se placida lá embaixo na praia. Os mancebos tambem advinharam.... E como não?... Se aquelles olhos negros que lhes allumiavam os corações, lhes disseram em phrases, tacitas é verdade; mas significativas?!

O ente que se fez annunciar, transpoz emfim o limiar da porta. Um —*benvindo!*— invejavel escapou dos labios das virgens: não admira! eram os corações que o esperavam!

É necessario que retractemos, como nos fôr possivel, esse typo brasileiro, a que os despoetisadores aborrecidos, alcunham—*Tocador de viola*—e que com mais verdade chamaremos o—*poeta-nato*.

Esse ente exerce sobre os habitantes rusticos do nosso paiz, bem inegavel influencia. Aos velhos cantam elles as trovas do seu tempo, fazendo-os derramar saudosas lagrimas pelos tempos.... *que amorosa ilusão embellecia* (*)—aos meninos ensinam versos, orações, historias, em que pintam o amôr para com Deos e os pais, como o melhor meio de alcançar o céo, que elles embellezem de cherubins, jardins encantados e musicas angelicas, encaminhando-os assim pela imaginação á pratica dos mais santos deveres.

Prosigamos:

As moças levantaram-se e vieram saudar o seu poeta. Tinha elle anellados cabellos pretos que lhe desciam aos hombros: o rosto moreno e pallido, era sombreado apenas por um assetinado bigode, o corpo baixo e delgado.

Tendes lido nas poeticas lendas da idade media, esses menestrels tão pallidos, por quem batiam os corações das castellãas orgulhosas, que despresavam os nobres cavalleiros? Essas castellãas que *desamavam* os grandes, porque o peito de aço não deixava ouvir bater o coração, em quanto que o manto preto do menestrel peão ondulava com o pulsar de um coração amoroso e realçava-lhe o desmaiado rosto? Pois sabei que o nosso *poeta-nato* muito se assemelha ao menestrel antigo.

O poeta comprimio no seio, o instrumento amado e affagando-lhe as cordas, entoou um cantico ao nascimento do Deos-homem, como elle lhe chamava, cantico que fez reviver na imaginação tudo o que tinhamos esquecido das crencias de meus amados pais. Lembrava-m'os-nos dos tempos em que, deitados na fina rede de algodão, eramos emballados pelos canticos religiosos de nossa extremosa mã!

E esse cantico era bem simples quanto á forma; mas assaz pomposo quanto ás imagens!

Era um cantico dos poemas d'Osseam! O trigueiro poeta convidou depois as donzellãas e mancebos para a dança; as primeiras alinharam-se como uma grinalda de rosas estendida, e os segundos, fronteiros a ellas, se preparavam para o prazer da dansa.

(*) Lembranças de morrer, por Alv. de Azevedo.

O instrumento em accordes ligeiros e festivos acompanhava os improvisos do *poeta-nato*, e as donzellas formando elegante círculos, repetiam o ultimo verso do oráculo de amôr, cujos échos eram entoados pelas vozes dos montes.

Acontecia algumas vezes cantar o poeta:

Para sempre juro amar-te.

E os receiosos labios das virgens murmuravam tremulos tal sentença que enrubecia-lhes as faces de jambo. Differentes eram as posições que tomavam as dansas; nem as podemos descrever todas, porque não as sabemos: essas cousas pertencem mais ao coração do que à memoria: só nos lembra que não tinham a monotonia das contradansas e valsas e que primavam pela variedade: parecia-me um passeio apressado pelas tortuosas ruas de um labyrintho.

O trovador brasileiro adivinhava os amores dos jovens e os ateava com as ternas e traidoras chaminas de seus improvisados descantes.

Finalmente a aurora poetica da nossa terra branqueou o horizonte, e prateou de uma luz duvidosa as adormecidas aguas do mar.

O poeta inspirado pelos encantos da nossa natureza, callou o instrumento para entoar um hymno, não tão festivo como as canções da dansa, porém entristecido como o fallar do filho que se despede de sua mãe, como o adeos de Romeo à sua Julieta.—Elle começou assim:

A barra do dia ahi vem
Vem surgindo a madrugada.

Não achais verdadeira a descripção da aurora do nosso paiz? Não exprimem esses dous versos tão simples o levantar do dia no mar?

Muitos versos temos lido em poetas cultos que não copiam nem um pallido esboço dessa hora suave em que accorda a nossa natureza ao canto do gaturâmo.

É que a natureza inspira só a seus filhos legítimos, negando aos filhos naturaes da arte, as imagens com que ella se ostenta.

Depois de muitos quadros não menos inspirados, a destra do cantor perpassou descuidosa as cordas da sua harpa, deixando morrer os sons....

As donzellas agora pallidas como a magnolia, deixavam pender sobre o seio a fronte, na sala do innocent festim.

Os mancebos vagarosos desceram a encosta e fizeram ranger as quilhas das canôas na humida areia da praia.

Embarcaram-se as virgens, saudosas talvez de abandonar as plagas de tanto folgar: as leves *pirogas*, deleixadas scindiam a custo as aguas do oceano, domadas pelos raios do sol, que nascia apenas.

Eis a pallida pintura de uma dessas noites, passada em uma casa de sapé, vendo ao longe a vastidão do oceano, respirando a fragancia do

Caheté, ouvindo um filho feliz da natureza, um *poeta-nato*, que modula em um simples instrumento os hymnos mais ardentes ao astro do dia, ao mar, e às florestas da nossa terra, tendo á vista as morenas filhas das costas do Atlântico, essas *Cetutas*, dignas do sublime e divino pincel do grande Chateaubriand.

Eis o que na língua indígena se chama—o *Catéreté*.

Filhos das grandes cidades do Brasil! Asseverai sem receio ao estranheiro que os costumes do nosso povo são mui poéticos, porque entram na sua sancção dous poéticos elementos—a brandura do Europeu, o a imaginação ardente do Indígena.

Janeiro, 1859.

JOSÉ CARLOS RODRIGUES.

IMPRESSÕES

SOBRE ÁFRICA OCCIDENTAL.

AO CORRER DA PENNA.

Illm. e Exm. Sr. Conselheiro José Feliciano de Castilho.

Meu Tio.

Foi este trabalho feito tanto ao correr da pena, que não devéra ambicionar a honra de poder elevá-lo até ás mãos de V. Ex.: comitudo, se conheço estas — Impressões — immergecedoras de chegarem á presença de V. Ex., conheço também a sua muita bondade e benevolencia, para se dignar conceder-lhes o unico brilho que podem ter, o de possuir o valiosissimo nome de V. Ex. na sua primeira página.

Accolhendo-as e perdoando-me a ousadia, sumamente recompensado ficará

Seu sobrinho e admirador

ANTONIO MARIA DE CASTILHO FERREIRA

O longo decurso de cinco annos que sem interrupção vivemos n'aquelle inhóspito clima, fez nos conhecer usos e costumes curiosíssimos pelo barbarismo, ignorância e esquisitice que lhes preside: alguns sobretudo são-o tanto, que nos arriscamos a descrever os que mais attenção nos mereceram: estamos certos que muitos e talvez mais notáveis, passámos desapercebidos; mas sendo tantos e tão variados, por isso que em distancia apenas de quatro e cinco leguas, já differem consideravelmente, não é a pratica de cinco annos a bastante para podermos com exactidão descrevê-los na generalidade.

Começaremos pois pel-os dos povos que habitam o grande numero de *sanzalas* (povoações) situadas entre o Distrito do *Ambriz* e o de *D. Pedro V* (lugar antigamente denominado *Bembe* pela gente do paiz.)

Do parto.

Desde o nascer começam os habitos extravagantes, ou para melhor diser, brutaes e ignorantes d'aquelle gente.

Logo que a mulher sente as dôres do parto, dá parte aos parentes e acompanhada de quem a quer seguir, vai para o local mais proximo onde possa encontrar agua a pouca distancia. Chegada ao lugar escorlhido, senta-se n'uma esteira, e as parteiras (que o são unicamente em assistirem ao parto) a rodeam, e começam a cantar com grande algarazza, ao que attribuem o dom de chamar a criança e abreviar o parto.

Apenas na hora extrema ha mais algum recato, porque então os homens afastam-se um pouco e ahí começam a dançar acompanhados pelo *batuque* (*) e *canzá* (**).

Logo que a mulher dá á luz, um d'entre as assistentes, toma a criança nos braços e vai mettê-la n'agua, o que dura em quanto as outras cantam e pulam. Logo que a mãe tem completado o parto, e se acha livre do *involtorio* vai tambem metter-se n'água, molhando até a propria cabeca!

Finlo isto recolhe-se tudo á povoação, e se a mulher, como algumas vezes sucede, não experimenta choque com este banho tão desvantajoso, é ell i já a que vai tractar dos arranjos domesticos, que vai fazer a comida, e finalmente tudo, como se tal não houvera acontecido!

Em alguns pontos costumão festejar o nascimento dos filhos: — n'aquelles lugares não sucede assim: é uma cousa como outra qualquer, o que não ligam a menor importância.

(*) Instrumento de pão oco do comprimento de uma ou duas varas, adelgado n'un dos lodos, e coberto no outro por uma pelle de carneiro, imitando o som do tambor.

(**) Pedaço de canna de um covado de extensão, com pequenos talhes. Com uma outra canna passam-se continuamente por aquelles talhes, de que resulta um barulho a que não podemos chamar som.

Do casamento.

Logo que o homem chega á idade de 14 annos pouco mais ou menos, procura casar-se, unica ambição que tem, alem da de possuir uma arma de fuzil.— Para esse fim trata de negociar ou conduzir cargas para os nossos Feirantes, por isso que tem de comprar a mulher, como qualquer mercadoria. Logo que tem obtido algum resultado do seu trabalho, compra a arma, e em seguida apresenta-se ao pai ou mai a pedir a mão da *sua amante*. O primeiro e unico titulo que tem de apresentar para lhe ser deferida a sua pretenção, é a posse da arma; porque segundo elles, o homem que não tem arma, não está ainda habilitado para ter mulher e para ganhar dinheiro.

Uma vez apresentado este titulo, começam a regatear sobre o preço que a pretendida deve custar, a que chamão *cu-lemba*, e que nós traduzimos por *lembamento*.

O ajuste é feito sobre fazendas de lei, chitas, algodões, coraes falsos, porcos, galinhas, polvora, armas, e sobretudo aguardente, prefazendo uma importancia total nunca maior de 80\$000 moeda do paiz.

Os pagamentos são feitos n'estes generos, por isso que são elles os que giram como moeda: esta não tem acceptação nenhuma e nem sequer a conhecem.

Decedido o negocio, toma o pai conta das mercadorias por que *vendeu* a filha, e o noivo conta d'esta, levando-a para a sua *cubata* (choca de palha em que vivem).

Cabe aqui notar as diferentes ceremonias que em diversos pontos se praticam por esta occasião.

Entre o povo de que ora tratamos, reunem-se os amigos, amigas e parentes, h̄ um *banquete sumptuosissimo* em que figura a sardinha secca ao sol de meses passados, a *quianguilla* (*), a mandioca podre assada, e nada mais.

Acabada a refeição começam as danças ao som das suas musicas que, alem dos instrumentos que já deixámos descriptos se compoem de uns outros a que chamão *masembe* (**) e amigos como são da aguardente, acabam as festas por embriaguez de convivas, donos da casa, noivos, etc.

Há tambem outra bebida de que fazem em geral grande uso e sobretudo n'estas occasões; é o vinho extrahido da palmeira.— Tem um bello paladar apenas tirado da arvore: elles só o bebem depois de fermentado, quando está tão forte, que um homem robusto não pôde beber mais de duas garrafas.

(*) Quitute de feijão temperado com sal e azeite de palma, a que chamão— quianguilla à magi mandêndê.—

(**) Pontas de marfim de 3 a 4 palmos. No extremo agudo fazem um buraco pelo qual assopram, introduzindo a mão como os *trompas* entre nós.

Nos Districtos de *Ambaca*, *Golungo-Alto*, *Pungo Andongo*, etc., com quanto não desira muito o casamento, ha contudo uma cerimonia curiosa que se não pratica entre aquelles.

Apenas entram em casa os noivos, acompanhados da parentela, dirigem-se ao quarto que lhes é destinado, em quanto que os parentes descansam na *sala da recepção*. Tem-se posto de antemão uma arma carregada com polvora secca junto ao leito nupcial (quasi sempre duas ou trez esteiras um pouco mais limpas). Se a noiva está pura como deve, o noivo vem à janella e dispara a arma, começando logo as dansas com grande folia. — Se porem não o está, sahe do quarto, e acompanhado de novo por todos os convidados, vai reentregá-la ao pai.

No Presidio de *Novo Redondo* e imediações, pratica-se totalmente o opposto: o noivo entrega a filha a seu pai, se a encontra pura, disendo-lhe *que ainda não está mulher*.

Para evitar isto, têm as más todo o cuidado em recommendar-lhes a desvirginização desde crianças, o que fazem por si proprias!!!

Des obitos.

Com quanto seja bem curioso o que deixámos descripto, muito mais o são as ceremonias de um funeral, ceremonias *sui generis*.

Logo que fallece qualquer doente, são chamados pela família os *Boutores* que lhe applicaram os *milongos* (remedios) afim de advinharem qual a molestia de que falleceu, se foi infeitiçado por alguém e quem foi. Para este fim pedem estes tudo quanto servio ao tractamento do doente e começam a fizer os seus exames: acabados estes, enchem uma cabaça de agua e por um pequeno tubo que esta tem, introduzem uma pena de galinha, acompanhando de cada vez que a introduzem, da suposição que tem sobre a causa, quer natural quer sobrenatural, da morte do seu doente, e mal d'aquelle sobre quem o *Boutor* fizer recair as suspeitas de feiticeiro, porque morre infativelmente, depois de ter sofrido barbaridades incríveis, como mais tarde descreveremos.

Todo este exame é feito de *corpo presente*: acabado elle, accende-se uma grande fogueira no meio da sala e junto a ella se põe o corpo *ao fumeiro*. Dura isto oito dias e às vezes mais: já se vê que findo este tempo, está o corpo duro e secco como um carapão: abre-se então uma cova, mesmo dentro de casa, da altura de uma vara, espetaõ-se duas forquilhas e sobre elias se põe o corpo suspenso pelo pescoço e pés: — cobre-se a cova com taboas e sobre estas a terra da escavação (*).

Durante o dia do falecimento, não cessão às dansas; mas com cantigas tristes, acabando não obstante por completa embriaguez.

(*) Em alguns lugares mettem o corpo dentro de uma caixa que mal o compõe

Depois de se ter depositado o corpo, na presença dos parentes, começam todos a juntar durante seis meses, um anno e às veses mais, tudo quanto pôdem agenciar.

No prazo marcado para a reunião dos haveres, vem os parentes todos ao lugar onde o corpo foi depositado, trazendo consigo os músicos, aguardente e vinho de palma (*málávo*).

Começam então as danças fóra, e o arranjo do corpo dentro de casa. Fazem um caixão quadrado sobre medida, e depois de embrulhado o corpo em quanta fazenda poderam obter, mettem-o dentro do caixão, que pregam, e forram de veludilho azul, verde, etc., garnecido de fitas de cores, e tachas amarellas.

Dous dias continuam ainda os banquetes e danças perante o corpo *encaixotado*, findos os quaes vão em procissão levar o à sua ultima morada.

Tapada a cova, poem sobre ella tudo quanto servio ao finado, durante a doença, como garrafas, canecas, colheres de pão, panellas, esteiras, etc., e tem como de convicção que quem tirar algum d'aqueles artigos leva consigo a molestia!

É nos agora preciso retroceder para depois podermos continuar.

Uma vez declarado pelo *medico* que foi de *jeitico* que o doente expirou, começam desde logo as pesquisas sobre quem podesse ser o feiticeiro (*ndoky*), e a minima desconfiança, por qualquer pequeno incidente, é bastante para que o suspeito homem ou mulher seja *in continentis* agarrado, e levado á presença do *Soba* (*) inquerido e encarcerado, afim de mais tarde ir provar se está ou não culpado; mas de que forma?.. Vejamol-o.

Apenas preso o suspeito, são chamados os parentes dele, afim de virem assistir ao julgamento do réo: é isto sempre moroso, do que resulta estar o preso em custodia quatro ou seis mezes, e exemplos ha de anno e annos, durante cujo tempo lhes dão um diminutissimo alimento, o quanto calculam insuficiente para sua nutrição, conservando-o em todo o tempo bem seguro com cordas e alguns com grilhões!

Chegados os parentes (que se não podem oppôr sob pena de igual sorte), ha convocação de interessados, e *Soba*, e no dia aprasado, reunem-se todos n'um dos lugares mais espacosos da *sanzala* ou mesmo fóra d'ella a pequena distancia, e ali se estabelece o *tribunal do julgamento*. Eis a maneira porque se *installa a sessão*:—dispoem-se os assistentes pela seguinte forma: n'uma das faces do quadrado, coloca-se o *Soba* ou *Dembo*, acompanhados de seus *Macotas* (**), entre os quaes se alterna o serviço de segurar a *umbella* que resguarda do sol o *poderoso rei*. Em frente, n'um circulo descripto com uma canna, a mumia accusada com as mãos ligadas atraz das costas, e uma porção de capim amarrado

(*) Autoridade principal entre elles; mas sem nenhum prestigio: com quanto seja o Rei do povo ninguem lhe obedece e nada pôde — é, propriamente dito, um Rei sem sceptro — Em algumas sanzalas, as mais importantes, dão-lhes o nome de « Dembos. »

(**) Satellites do Rei, que tem a supremacia depois d'elle.

à cintura :—à direita os parentes do fallecido e seus convidados, todos sentados, à excepção de um :—à esquerda exactamente o mesmo da parte do réo. No centro o mestre de ceremonias, com os petrechos precisos para a solemnidade, que se compoem de um espadão ou sabre, um escudo, dous pilões, um immenso capacete, etc.

Autorizado o começo do julgamento, pelo *Soba*, avisa-se pelo grande barulho dos *batuques* e cantigas que o precedem e que de intervallo em intervallo recomeçam.

Feito este aviso, dá o mestre de ceremonias principio ao seu serviço, fazendo muitas pantomimas, acompanhadas de grandes saltos, me neando sempre a espada, corren lo junto ao réo, imitan lo o descarregar de um golpe, o que traduzem por apresentar-se aquelle homem para fazer justiça, e para matar o réo e aquelles que o quizessem livrar, se por acaso alguém apparecesse.

Finda esta primeira ceremonia, segue-se um interrogatorio entre os dous parentes, que deixámos dito ficavam de pé.

O réo e o accusador, são representados por aquelles dous advogados e ninguem mais falla, à excepção do *Soba* que de quando em quando manda fazer alguma pergunta. De dez em dez minutos, depois de feitas algumas inquirições, recomeçam as pantomimas, continuando sempre a infernal bulha dos *batuques*.

Este interrogatorio dura muitas vezes dous e tres dias, entre dous homens, quasi sempre ignorando o que se passou, se havia rixas entre o fallecido e o réo, emlim sem saberem nada que os possa illucidar sobre a defesa e accusação que têm a sustentar.

Durante esta ceremonia, duas crianças pisam nos pilões uma porção de *encasse* (*) que depois o réo ha de beber diluido em agua. Não resta a menor duvida de que o réo morre sempre : comtudo é-lhe precisa aquella prova para illibál-o ou condemnál-o ! Depois de feita a inquirição e mais ceremonias, dão uma porção immensa dos taes pós venenosos em agua ao supposto feiticeiro.—É tão grande a dôse que morrem sempre, ou seja pela força de vomitar a bebida tomada, ou por não vir a vomito e arrebentarem.

Se o primeiro caso succede, é o accusado declarado inocente, entregue o corpo aos parentes, e os accusadores condemnados nas despezas do enterro : se porém o não vomita, e arrebenta, é declarado um vil feiticeiro, ao qual se não deve dar sepultura, e depois de esquartejado, atirado o corpo para qualquer lugar, onde as aves de rapina possam acabar de destruilo !!

Custa-nos a conceber, a pezar de o havermos presenciado, até certo ponto, o sangue frio com que se conserva todo o auditorio durante este processo, vendo as horriveis contorsões do pretendido réo, assistindo ao esquartejamento do corpo, se não vomita, e à afflictão e ancia do vomito se o tem, e sobretudo a serenidade com que em qualquer dos casos vão comer, dansar e folgar acabada a ceremonia ! Barbara gente !

(*) Casca de uma arvore resinosa, a que dão o nome de — piaca. —

O julgamento que nos deu a conhecer a cerimônia que descrevemos, foi feito na *Quiballa*, em uma mumia que contando apenas quarenta e tantos annos, mostrava ter noventa ou mais ! Pobre mulher ! Víctima de uma malquerença talvez, de uma vingança mal entendida !

E qual será o caso em que esta accusação deixe de ser uma vingança, se o simples testemunho do *milongueiro* foi bastante para declarar o culpado ? !

É quasi incrivel tanto barbarismo !

N'alguns pontos chamam a este processo :—*O julgamento de Indua*— entre elles nunca ouvimos tal nome.

Da escravidão.

Poucos são os escravos no Congo, e esses mesmos bem denotam a vergonhosa deshumanidade quo ha entre elles.

No reino do Congo ninguem nasce escravo : no entanto chegam a sê-lo muitas vezes, devendo sempre a escravidão aos seus proprios parentes.

Eis o porque :

Se qualquer precisa contrahir uma dívida, ou por necessidade ou para satisfazer mero capricho (admittindo que tambem os tenham), dá para esse fim um penhor, que é sempre um primo, um sobrinho, e muitas vezes o proprio irmão ! Para o resgate desse penhor, estipula-se um prazo, como entre nós, findo o qual perde o devedor o direito ao penhor, e este a liberdade.

É este negocio mui commun n'aquelle ponto, e custa a crer ; mas é verdade : se para penhor não basta uma pessoa só, empenham-se duas, tres, e quem sabe se familias inteiras ? !...

Dissertemos um pouco :

Como se explica que entre aquelles povos se pratiquem taes e tantas barbaridades, quando respeitam a Religião Catholica Apostolica Romana, verdade seja que ligada a crenças supersticiosas, com tanta fé e acatamento como por certo nós o não fazemos ?

Como se explica que tendo os frades barbadinhos podido arreigar por tal forma a fé, veneração e acatamento pela nossa religião, não poderam fazer desapparecer costumes tão barbaros como este de que tratâmos e muitos outros ? !

Parce-nos tão difícil a decifração d'este enigma, que nem se quer nos atrevemos a tentá-la, pela convicção intima que temos de que em balde o fariamos.

Da religião.

É este um dos pontos que está muito fóra dos auspícios sobre que apresentámos no principio destas nossas *Impressões*, os usos e costume dos habitantes d'Africa occidental.

É uma cousa digna de admiração e respeito o optimo resultado, que conseguiram tirar das suas missões apostolicas os frades barbadinhos, que antigamente pregavam o catholicismo n'aquelles sertões, por isso que se não podia arreigar mais profundamente ali a nossa religião.

Para provar isto, é-nos suficiente :—dirigirm' o-nos a um cemiterio, e lá veremos sobre cada sepultura, a cruz da redempção :—levantarmos os andrajos de um Conguista e ver-lhe-hemos pendurado ao pescoço, desde a criança de peito até ao ancião, um crucifixo como unico adorno : olharm'os-lhes para as cabeças e n'ellas veremos uma cruz :—vermos as suas esteiras desde a mais fina até a mais ordinaria, e n'ella estampada a cruz do Senhor :—olharmos para as suas vestes e n'ellas semeadas a mesma cruz : finalmente o maior, o melhor adorno, direi mesmo o unico que apreciam é a cruz !

Alguma cousa ainda mais admiravel. A melhor casa da principal povoação do reino do Congo, onde está estabelecida a séde do governo, (*S. Salvador do Congo*) não é, como talvez se supponha, a que serve de palacio ao respectivo rei ; mas aquella em que religiosa e respeitosamente estão guardadas as imagens que outr'ora pertenceram à igreja que ali havia, hoje derrubada pelo tempo, e ao antigo convento de Santo Antonio, hoje também em ruinas, onde viviam os barbadinhos !

Parecem-nos bem exhuberantes estas provas para confirmar a nossa asserção, independente das que vamos apresentar.

O padre é ali reconhecido como imagem de Deos na terra e como tal respeitado (permitta-se-nos a força d'expressão) muito mais do que entre nós :—para provar citarei um exemplo passado ha annos e vulgarmente conhecido por todos os Europeus residentes em Africa.

Ao regressar á capital da província de Angola, o principe *D. Nicolau d'Agua Rosada e Sardonia*, filho do então, rei do Congo, hoje falecido, (*) mostrou grandes desejos de ir beijar a mão a seu pai. Para este fim foi nomeado um dos conegos da Sé de Loanda e um oficial, assim de o acompanharem n'aquelles Estados, já pelas ordens terminantes que o governo havia recebido da metropole sobre a consideração devida aquele principe, já para satisfazer aos continuos pedidos que do Congo vinham, solicitando um sacerdote que n'aquelles Estados fosse administrar o Santo Sacramento do baptismo.

Os Conguistas tinham então como convicção intima que o seu principe fora a Portugal *ajim de vender o reino do Congo*, e tel-o-hiam morto se não fora o sacerdote : (**) ainda assim, grande numero d'entre elles o seguiam por toda a parte, esperando uma occasião de o encontrar a sós, o que não conseguiram, attenta a prevenção que já tinham, por isso que quando viam o principe, o recebiam com apupadas, gritando — *Eis aqui o vendedor de nossas terras ; mata-l-o-hiamos se viesse sem o sacerdote.*

(*) Conhecemos geralmente este Principe em Portugal, por — Principe preto
Neano nsanza, entre elle.

Ainda mais:

Quando algum missionario ali se apresenta, correm a receber o baptismo, habitantes de seis e oito dias de distancia, e em tão grande numero que se baptizão aos centos, por falta de tempo para o faser especialmente.

São para elles verdadeiros dias de festa aquelles que o Sacerdote ali se conserva e a este offerecem tudo quanto possuem de bom, com tanto prazer e vontade, que na propria phisionomia se patenteia: nunca é sem custo que regressa o encarregado da missão.

Com quanto seja fôra do fim a que nos propusemos, não podemos deixar de louvar alguns d'aquelleas e criticar outros: — os primeiros pelo desinteresse e agrado com que ministrão o Santo Sacramento do baptismo independente de remuneração que nem aceitam: estes, por fazerem de seu alto e respeitável ministerio uma especulação, exigindo grossos donativos pelos serviços que prestão à Religiao, inhibindo assim os menos abastados, de levarem seus filhos á pia do baptismo, pelo receio que têm de não serem servidos.

Infelizmente para elles, para nós e para a religiao, são estes casos mais frequentes e um Sacerdote conhecemos nós que legou aos seus descendentes uma regular fortuna ganha por tal forma.

.....

Das opandas.

Opanda é o nome que em Africa se dá ao processo instaurado por crime de adulterio. — O desenvolvimento d'este ponto, vai mostrar ao leitor o estado de atrazo d'estes povos, e o sem numero de costumes barbaros e vergonhosos que entre si admitem.

Como já dissemos quando tratámos — *do casamento* — a noiva casta ao seu pretendente uma somma maior ou menor, conforme as posses d'este, os dotes d'aquelle, ou o valor e estimação que lhes dão os pais.

Dado o caso de encontrar o marido em flagrante delicto, ou de suppor que a mulher é adultera, instaura um processo que tem de ser julgado, n'alguns pontos, pelos respectivos *Sobas* (*), n'outros pelas nossas autoridades, os chefes ou commandantes dos Districtos e Presídios. Este processo em nada altera a união e harmonia dos dois esposos, salvo se é illibada a mulher (!!) o que é sempre, ou quasi sempre contra o plano do marido.

Chamar-nos-hão exagerados n'este juizo; mas vamos prová-lo mais evidentemente, para que se conheça o quanto estamos autorisados para fasê-lo.

No tempo em que servimos de encarregado do expediente da

(*) A decisão d'este processo perante as nossas autoridades é hoje proibida: antigamente, entrava na alcada d'este, como Juiz ordinario.

Secretaria do Distrito de *Ambaca*, podemos ver quaes as provas que dedusiam em seu favor, e por ellas avaliar a falsidade que lhes assistia: mais tarde sabíamos por gente do proprio povoado que tinha sido uma estratégia: — Qual é pois o fim? Quaes são então as provas que apresentam? Bem poucas; mas mais que suficientes.

A quasi generalidade dos *maridos*, desejando desfarrar-se da importancia que lhes custou *a sua cara metade*, previnem-as da instauração do processo que vão fazer, intimando-lhes a ordem positiva da confirmação do facto: — em seguida apresenta-se o *offendido* á autoridade a que recorrem, acompanhado da ré: — deduz a sua queixa, que comprova com a confissão d'aquelle: — o accusado defende-se negando o facto; mas como pôde elle ser acreditado, se a propria offendida o confessava, e se, como quasi sempre sucede, não tem este testemunhas que o auxiliem (?) Recebe por consequencia a condenação e é caso decidido que tem a pagar ao *marido* uma multa equivalente ao preço que lhe *custou a sua esposa*!

Não merecendo um capítulo sobre si, descreveremos em seguida um costume vergonhoso adoptado pelas nossas autoridades.

O chefe de um Distrito ou Commandante de Presidio (quasi sempre officiaes de 1.^a linha) recebem diversas porcentagens a diferentes titulos — uma d'ellas é a quantia de 80 rs. de cada uma das partes litigantes, para consentir ao que vence a questão, o *apurar* a parte vencida.

Parece-me que se desapparecesse este estillo da parte dos nossos, nada perderia a civilisação.

(Continua).

DINAH -- DIANA.

CONTO MORAL E VERDADEIRO.

Pela primavera de 1825, em un dia agradavel e sereno, parou n'uma das socegadas ruas do arrebalde de *Roule*, em Paris, uma dessas sociedades ambulantes de musica que exercem os seus talentos sob o tecto puro da atmosphera. Estes musicos, já cançados de cantar vãamente na

(*) É o unico caso em que difficilmente elles se obtêm: — nos demais, é bastante um copo d'aguardente. — Quantos copos se não dispendem pelas eleições!

cidade, vinham ali distrahir os socegados moradores com seus melodiosos sons, depois de uma marcha bem penosa por conduzir cada qual o seu instrumento, fardo leve para o tocador de flauta ou clarinete; mas não tanto para o encarregado do violoncello e realejo: talvez ou mesmo de certo, tinham ali parado, mais para seu descanso do que na esperança de tirar o menor proveito. Apezar disso, não deixaram de tentar fortuna, rompendo um desses concertos cuja tradição só estas orquestras errantes conhecem, e que as do Conservatorio em vão procurariam reproduzir.

Ao estrepitoso chamado de uma ouverture energica e stridente, algumas portas e janellas se abriram, e os musicos crearam animo, vendo diante de si um auditorio que por certo lhes não seria ingrato.

Antes de começarem havia já n'aquelle rua uma janella aberta, e claro sifa que foi diante d'ella que elles delinearam o seu plano de batalha. Pertencia esta janella a uma casa assobradada, bem modesta, que indicava ser testemunha de um quadro melancolico e tocante. Um jovem de desasete para desoitro annos pouco mais ou menos, sentado em uma poltrona, tinha a cabeça pousada sobre sua debil mão — o seu abatimento, a pallidez do rosto, as olheiras que cercavam uns bellos olhos azues, revelavam uma dessas doenças organicas que operam lentamente, indo pouco a pouco acabando a sua obra destructiva. De quando em quando uma tosse secca a custo sahia do peito d'aquelle mancebo. No quarto ornado de simples e velhos trastes, alias bem dispuestos, passeava uma senhora de idade, attenta e affectuosa para com o doente, prodigalizando-lhe todos os cuidados que acompanhava de perguntas e conselhos proprios da idade.

Soffres? — perguntou ella. Não sentes ar de mais? Esta musica não te incomoda? — Põe os pés no esquentador. — Queres um travesseiro para descansar a cabeça?

O mancebo apenas respondia por ligeiros signaes, ou por monosyllabos articulados com uma voz de sofrimento.

— Parece-me que tosses hoje mais que de ordinario, tornou a boa mulher, trazendo-lhe uma tigella cheia de caldo, que pôz sobre a mesa de cabeceira junto ao doente. Toma Alberto, bebe isso, accrescentou, que de certo te fará bem, e d'aqui a um quarto de hora trar-te-hei outro, ouvistes?

— Sim, minha avó.

— Arranjei este caldo como mandou o doutor, continuou esta, e juntei-lhe uma colher do remedio que te deve curar. Que tal o achas?...

— Bom.

— Sentes algum alivio?

— Sinto.

— Que barulho infernal! Queres que diga a esses musicos que se retirem?

— Não, minha avó.

Ao barulho dos instrumentos, haviam seguido as vozes dos cantores. — O doente que pouco antes tinha por acaso olhado para os mu-

sícos, saiu d'aquelle estado de prostramento vendo separar-se d'entre o grupo uma menina de 11 para 12 annos, cantando uma canção com acompanhamento de sanfona.

Nenhum outro por certo prestou attenção áquella, nem a achou digna de contemplar e ouvir; mas a attitude d'esta criancinha, sua figura magra e denotando sofrimento, a voz acre e estragada frequentemente interrompida pelos ataques de tosse, levaram á alma do doente uma emocio de sympathia e piedade. Via n'ella um ente soffrendo como elle, uma irmã na familia dos doentes, e as lagrimas lhe rebentaram, quando a criancinha, tendo acabado a sua cantiginha, lhe estendeu a mão, pedindo uma esmola com um sorriso palido e supplicante.

— Anda cá, lhe disse, chamando-a com um signal bemfazejo. — A criancinha obedeceu: entrou na casa e no quarto com passo tímido e envergonhada. Alberto encheu uma chicara de caldo, e lh'a deu, dizendo:

— Toma, pobre pequena: o que é bom para mim, deve sê-lo para ti, porque nós temos o mesmo sofrimento.

Mais animada, a criancinha perdeu a sua natural timidez. O mancebo fez-lhe algumas perguntas sobre sua vila e familia, ao que ella respondeu que se chamava Dinah e contando sua vida desgraçada, com um abandono triste e penetrante.

Antes de a despedir, Alberto lhe deu uma moeda de prata, dizendo:

— Mais desejará poder dar-te; mas não sou rico.

Os musicos ficaram contentes com o ganho do dia, e por isso repetiram as visitas. Todos os dias Dinah entrava em casa de Alberto, onde achava o mesmo accolhimento, recebendo os mesmos soccorros, acompanhados dos bons conselhos d'aquelle e de sua avô.

Comparando sua sorte com a d'aquelle desgraçada, Alberto levantava ás mãos ao Céo, agradecendo a felicidade que tinha de ter quem o tratasse e um abrigo onde vivia isento de trabalho e em sosiego, ao passo que aquella inocente, andava com bom ou má tempo, cantando ao vento e à chuva, na lama, quasi descalça e se levantava cedo, para cumprir o seu servizo de creada, deitando-se tarde porque os musicos tocavam á noite nos cafés, e só acabavam os laboriosos concertos, depois da meia noite.

II.

Havia já dous mezes que os musicos visitavam sempre aquella rua. — Um dia faltaram.

O mancebo entristeceu-se com esta ausencia; na solidão e aborrecimento que o cercava, as visitas de Dinah eram para elle uma distração e um prazer. Esperou-a em vão no seguinte dia, e a esperança de a tornar a ver, depressa se dissipou. — Uma mudança imprevista se tinha operado no destino da pobre cantora, que vamos seguir na nova phase da sua vida. Se esta historia não tem o interesse de um romance, tem

em troco o merito de verdadeira : nada ajuntaremos á escrupulosa exactidão dos detalhes.

Eis aqui o que se tinha passado.

Na ultima vez que os musicos pararam em frente á janella de Alberto, ao deixar o arrebalde de *Route*, seguiram em direccão aos Campos Elysios. Dinah tambem ahi excitou a compaixão. Tinhão-se postado junto ao passeio da rua, afim de chamar a attenção dos passeantes a pé e de carro : não se enganaram com esta ultima pretenção. Uma caleça que conduzia uma senhora de meia idade, parou. Esta senhora mostrou a mais viva commoção ao ouvir a pobre criança. Quando Dinah avançou a pedir a esmola, chamou-a, fêl-a subir ao carro, disse algumas palavras ao cocheiro, e este, açoitando os cavallos, fez desapparecer o carro, levando a sua preza, com grande espanto dos musicos e dos espectadôres. Já por vezes se tem visto saltimbancos roubarem filhas de familias nobres e ricas ; mas uma senhora do grande mundo, roubando uma bohemia, era um facto extraordinario e sem precedente.

O rapto não tinha de ficar n'um mysterio. No dia seguinte, um creado foi procurar o chefe d'aquelle orchestra e lhe pedio que fosse fallar com sua ama, lady Milworth, a propria que tinha levado a criança.

III.

Lady Milworth tinha quarenta annos ; o brilhante privilégio da classe a que pertencia e da riqueza, as duas mais preciosas, as mais solidas vantagens, nada tinha podido desarmar o braço da fatalidade que sobre ella pesava, nem prevenir os golpes do destino. Depois de um casamento feliz, o unico tempo bello da sua vida, perdeu o esposo que adorava, e se, viuva, não succumbio à dor, foi porque tinha uma filha, unico premio da união cruelmente quebrada. Aquella pobre e terna mãe, só vivia para a sua Diana, que amava com paixão. A criança tinha apenas tres annos, quando em Brighton, brincando n'areia, escapou ao cuidado da aia que a acompanhava, e foi levada pelas ondas. Ninguem ali havia para a salvar : lady Milworth si cou louca.

Oito annos se passaram n'este estado de demencia, que ao menos lhe tirava o sentimento da sua desgraça. A razão alfin tornou e os desgostos com ella. Comtudo, lady Milworth não quiz acreditar que sua filha tivesse morrido. Quando perguntou pelo cadaver de sua filha e lhe disseram não ter sido encontrado, persuadõ-o-se de que a criança não cahira ao mar ; mas que tinha sido roubada por algum bohemio.

Esta ideia fixa, unico e ultimo vestigio de sua passada ventura, se apoderou invencivelmente de seu espirito. A desgraçada mãe emprehendeu então diversas viagens á procura de sua filha : já duas ou tres vezes a esperança por pouco lhe fugira, supondo uma chimera o que alimentava, quando lady Milworth viu Diana nos Campos Elysios. Pareceo-lhe

encontrar uma revelação no palpitar apressado de seu coração; parecia-lhe que a cantora tinha as feições de lord Milworth, a analogia dos nomes de Dinah e Diana, não podiam ser para ella simples efeito do acaso, via um indicio de mais, uma prova da suposição que nutria.

IV.

O chefe da musica ambulante foi introduzido: lady Milworth, sem preambulos, lhe fallou logo da menina.

Esta criança não lhe pertence, lhe disse — o senhor roubou-a.

O artista deixou escapar um grito de innocent indignado, ao ouvir tão brusca accusação.

Lady Milworth acrescentou:

Roubou-a, confesse-o, e longe de procurar o seu bem merecido castigo, recompensal-o-hei, dar-lhe-hei dinheiro, muito dinheiro.

O musico, desconfiado, admirado e ferido em sua dignidade, respondeo que não podia confessar um facto completamente filho da imaginação.

— Dinah é então filha de um de seus companheiros? tornou lady Milworth.

— Não, senhora.

— Essa certeza tinha eu!

— Mas não quer isso dizer que a roubámos.

— E como se acha ella com o senhor? fale francamente, e não terá de que arrepender-se.

— Eis aqui o facto, tal qual elle se passou, redarguiu o artista. A nossa sociedade filarmónica tinha ido dar alguns concertos na Normandia, e ia eu na frente, quando nos encontrámos na estrada com alguns Allemaes que vinham do Havre a embarcar para a America. Trouxemos alguns cumprimentos com aquelles emigrados. Iam com elles famílias inteiras, compostas de grande numero de mulheres e crianças. Notei que uma d'entre aquellas, além de seis filhos que a precediam, levava ao collo o mais moço: aproximei-me d'ella, lastimei-a por uma progenie tão numerosa, e lhe pedi que me cedesse um de seus filhos. Precisávamos alguns, e cada vez a sua falta se tornava mais sensivel: uma criança interessava o publico, e além disso necessário é ensinarmos alguns que possam substituir os que a idade ou o cansaço nos levar.

— E essa mulher, deu-lhe o filho que lhe pedia?

— Hesitou; devo dizer-l-o em seu louvor: julgou ser gracejo, mas eu continuei, apontando para a menina que ella levava ao collo e que podia ter dous ou tres annos. A minha proposta é seria, e se me quer dar essa pequena pagar-lh'a hei bem. A palavra de pagamento produziu o seu efecto, o negocio foi ultimado, e a criança passou do collo de sua mãe, para os ombros d'este seu criado.

- Oh !... não era sua mãe ?
— Talvez, senhora ; é bem possível.
— Uma mãe vende por ventura seus filhos ?...
— Senhora.... entre aquella gente, quando tem muitos e pouco dinheiro...
— Não, não é possível!
— Como quiser, senhora.
— Foi essa mulher que roubou a minha Diana, ou que a encontrou... a menos que o senhor não falte à verdade.
— Sou incapaz. E para que ?
— Não sei. Pôde ser que tem algum engano.
— Um homem, um artista que tem a consciencia pura, nada teme : o negocio foi feito honrosamente, comprei a criança, paguei-a, ninguém tem nada a dizer.
— Quanto lhe custou ?...
— Não foi cara, quinze francos...
— Pois bem ; visto que a comprou, vendê-la-ha.
— Mas não pelo mesmo preço : eduquei-a, tive cuidados, ella tem talento....
— Eis aqui dez mil francos : serão bastantes ?...

O artista allucinado, não teve a presençā de espirito necessaria para abusar da sua posição : os dez bilhetes que tinha na mão, lhe davão convulsões e vertigens. Não pensou que a rica ingleza, teria dobrado, triplicado até esta somma, se elle o tivera exigido : receiando, ao contrario, que a nobre senhora se arrependesse de tanta generosidade, apressou-se em sahir, deixando a pequena Dinah, que promettia nunca mais reclamar, e fugio, como se tivéra roubado os dez bilhetes que levava.

Esta fortuna inesperada, explica a desapparição dos musicos, que acabaram os seus concertos. Talvez que a sociedade se dissolvesse pela abdicação do chefe, ou talvez que o chefe fosse formar nova companhia, a fim de explorar as provincias ou os paizes estrangeiros.

V.

Lady Milworth deixou tambem Paris, levando o seu thesouro, a sua Diana, a quem chamava filha ; a illusão havia tomado nella a consistencia e imperio de uma realidade.

A saude alterada desta menina tão querida, inspirou à ternura maternal os mais bem fundados receios. Os medicos aconselham-lhe que a levasse à Italia, e lady Milworth foi com sua filha para um palacio magnifico nos arrabaldes de Florença.

Os cuidados, mocidade e commodo da vida, triumpharam do mal que a miseria tinha produzido, e que em breve tornaria incurável : uma metamorphose completa se operou pouco a pouco. Depois de seis annos

passados em Florença, a pequena Dinah, a criança doente que cantava nas ruas de Paris, tinha-se tornado uma bella e graciosa moça, notável por sua elegância; brilhava no mundo pelo muito talento e espirito: tinha tido os melhores mestres e as disposições naturaes aproveitaram admiravelmente das lições.

Já não era a pequena bohemia, cuja voz tão desagradavelmente accorava os echos da rua; pelo contrario, bem cultivada, ora era sonora e deleitavel ao ouvido, a ponto de poder rivalisar com as cantoras mais celebres. Accrescentai a tudo isto que Diana adoptada por lady Milworth, era a herdeira legal de uma fortuna consideravel, e comprehendereis o sem numero de adoradores que a pretendiam.

Entre estes, dous houveram que sobresahiram um pouco mais.

Um era um fidalgo florentino, joyen e rico, o conde Raphael Dolsi, o outro um cavalleiro inglez, Sir Edouard Rawley, da mesma idade e rico como o seu rival.

Dotado de uma bella voz, o conde cantava com lady Diana: Sir Edouard, optimo cavalleiro, a acompanhava nos seus passeios a cavallo.

No baile, um e outro se disputavam as contradanças e valças.

O inglez tinha uma vantagem sobre o seu rival: era parente de lady Milworth e seu herdeiro, se não fôra a adopção de Diana: de sorte que, por equidade, aquella desejava reparar com o casamento o mal que fizera a Edouard: não obstante, preferia não contrariar a inclinação de sua filha.

— Que pensas tu d'esses dous moços? perguntou ella um dia a Diana.

— Que são muito amaveis, respondeu Diana com firmeza.

— Qual preferirias?

— Nem um, nem outro: são-me igualmente indiferentes.

— Tens então alguém que te agrade mais?

— Não, minha mãe.

— Entretanto, minha filha, na tua idade é preciso tratar de casar-te.

— Temos muito tempo e sou tão feliz na sua companhia, minha mãe, que nada quereria trocar pela minha posição.

— Querida filha!...

Diana mostrava uma repugnancia invencivel pelo casamento: cada vez que lady Milworth lhe fallava n'isso, ficava ella triste.

Mas a vida de lady Milworth torturada por tantos desgostos, no passado, declinava a olhos vistos; a felicidade de ter reencontrado Diana, a tinha reanimado por algum tempo; contudo, isto não podia prolongar-se muito.

— Minha filha, disse ella a Diana, sinto aproximar-se a hora da nossa separação; mas ficas só no mundo que eu vou deixar, seria um pensamento cruel que tornaria o meu ultimo dia de amargara e desespero.... Peço-te pois, dá-me a consolação de te ver protegida pela ternura de um esposo: escolhe entre Sir Edouard, o conde Rafael ou outro qualquer; mas decide-te já.

— Faça-se a sua vontade, respondeu Diana com resignação: sei que

prefere Sir Edouard e como é para a satisfazer que eu me case,
desposal-o-hei.

— Eu te abençõo, e sê feliz, minha filha.

A alegria d'esta excellente mãe, encorajou Diana: os preparamos do casamento começaram com toda a actividade.

(Continua).

EUGENIO.

PALAVRAS DE UM CRENTE.

A verdade na sua essencia só pôde ser boa

BYRON — CAIM — ACTO 1^o

Perfectus vir tenet medium semper et ubique:
improbus vero prævaricatur vel excessu vel
defectu.

CONFUCIUS. — LIV. 2^o

Sunt qui temerè transiliunt medii limites,
dum sutantur virtutes nescio quas prorsus re-
conditas, ac gaudent patrare miranda quædam,
ut posterioribus seculis sint qui nomem depræ-
dicent.

IDEM. — IBIDEM.

Modica impacientia utique perturbat maxima
concilia.

IDEM. — LIB. III, PART. 8.

.... O povo não é um instrumento sobre o
qual um grande compositor possa executar indif-
ferentemente e à vontade todas as melodias que
o espírito lhe suggere.

ANCILLON. — ENSAO SOBRE A PHILOSOPHIA
DA HISTÓRIA.

E concedido aos philosophos e aos poetas, o
campo livre e illimitado do pensamento. É in-
terdicto aos governos.

GUIZOT. — 8 MAIO 1834.

A VISÃO.

Em nome da Humanidade, nosso Deus; das verdadeiras idéas, nossa
luz; da verdade, nossa inspiração.

Um dia um propheta da desgraça, disse: Tudo está prevertido; todas
as grandes e santas cousas vão desapparecer: é preciso demolil-as.

Mas o propheta não disse — Depois tudo será reedificado.

O propheta era de um genio inhabalavel, voz forte, inspiração viva e ardente.... mas de uma cegueira fatal.

Esquecendo por instantes a verdade e deixando errar a sua intelligença nos campos floridos da imaginação, compoz esta bella parabola sem moralidade.

E uma vez lançada a profecia ao mundo, o incendio começoa, appareceram por toda a parte as ruinas e o sangue.

Então o propheta se levantou e disse — Maldição sobre mim!

E uma voz immensa, terrivel, repetio: Maldição sobre ti!

Mas isto não passou de um sonho, de um pesadelo, de uma visão durante o sonno : um propheta fallou, sim: mas nenhum echo ouvio a sua voz.

O genio do homem, não pode dominar o bem senso da Humanidade.

A obra de um homem só, não pôde constituir-se a obra da sociedade.

O curso impetuoso, rapido, desesperado do antilope, não perturbou o trabalho activo, e incessante do castor.

A vista do homem penetrara o fucturo; mas o homem é miope.

O olho da Humanidade penetrou o fucturo; mas a sua vista penetra no fundo dos abyssmos.

E em quanto o coração do homem se exalta, impacienta-se e cega-se nas suas paixões generosas e independentes.

A cabeça da Humanidade, o seu pensar vasto e lucido, continua tranquillo; os seus projectos inhabalaveis: os meios seguros.

Sim, a voz do propheta foi uma voz sem echo.

Pedio sangue e ruinas.

As cabeças dos reis em holocausto a uma deusa ebria.

Os povos curvados ao voto de ouro.

A santa fé esquecida; o sacrificio offerecido ao idolo sem poder.

A Humanidade e sua vontade e força, deverão apressar-se, levados pelo braço do propheta?...

Ora, n'esse tempo havia grande movimento nos espíritos, trabalhava-se sempre: preparavam-se grandes cousas: esperavam-se grandes acontecimentos.

Nesse tempo, como no seculo passado, como nos seculos precedentes, como no primeiro seculo, murmurava-se muito.

Uns diziam — Que temos nós?... lagrimas apenas.

Outros respondiam: Que quereis? Pedi — dar-vôl-o-hão.

Mas outros appareciam e diziam: Tudo está cumprido; esperai um pouco, não vos apresseis, as colheitas só devem ser feitas em tempo proprio.

Os primeiros gritavam: Abajo estes homens prudentes! abajo estes inimigos! queremos as suas cabeças.

Os segundos respondiam: Ali as tendes, despedacai-as.

Os ultimos diziam com voz abafada: maldiçao sobre vós!

E ainda não era tudo: immolados os prudentes, era o mesmo lamento — Que temos nós?... lagrimas apenas!

Os segundos responderam: mas, esperai.... Houve então uma revolta geral.

Os primeiros atacaram os outros, gritando-lhes — Que?! tornai-vos iguaes aos homens prudentes? — Depois de nos haver dado as suas cabeças, imitais-vos? porque não enxugais as nossas lagrimas? Porque dizeis tambem — Esperai??

E estes ficaram aterrados: a contracção nervosa do desespero os desfigurou, e os que haviam dito — só temos lagrimas.... mataram os que os haviam trahido.

Então ficaram sós na terra. Olharam-se e disseram — sempre lagrimas!...

Acreditai-me; foi um espectaculo horrivel: o furor e a raiva se apoderou de seus corações: inhabilitados para conceber, inhabeis para executar, vagavam sem destino e sem esperança.... e a necessidade bem depressa os chamou ao seu gremio. Oh! meu Deos, que dor! que angustia profunda! que ferida sangrenta! Veio a febre, em seguida o delirio, depois a dynamia, e afinal o adormecimento.... sonno eterno, descei! morte, morte bemfazeja, approximai-vos, tomai-os, levai-os para os vossos vastos abyssmos! Acabarão de sofrer.

Neste momento supremo uma voz se ouvia no espaço; uma nuvem dourada raiou no horizonte, desceu à terra, e deu caminho a uma mulher.

Era sua fronte se divisava uma auréola divina: o seu vestido elegante, consentia a vista de um collo lindo: sustinha n'uma das mãos o livro das leis da natureza, na outra um vaso com licor milagroso: sua voz era döce e harmoniosa, eloquencia simples, quasi sempre tímida: suas palavras simples tambem convenciam pela verdade.

Trazia immenso cortejo — a Abundancia, a Felicidade, o Amor Humanitario, a Paciencia, a Confiança, a Firmeza, a Perseverança, a Riqueza, a Actividade e mil outras divindades impossiveis de innumerar.

A deusa aproximou-se dos agonisantes; com o olhar fez retirar a morte que correra: deitou na boca secca e queimada dos homens enganados, algumas gotas de seu licor vivificante, e quando todos estavam de pé, lhes disse:

Acreditai nas minhas palavras ; salvei-vos da morte, sou vossa amiga. sendo vossa amiga, desejo a vossa felicidade.

Não escuteis aqueles que vos entregão as cabeças dos homens prudentes, porque esses são insensatos.

Em lugar de enxugar-vos as lagrimas, irritariam vossas paixões ; em lugar de vos consolar, exasperar-vos-hiam.

Se lhes pedirdes felicidade, dir-vos-hão — Exterminai os felizes.

Se lhes pedirdes pão, dir-vos-hão — Destrui as safras.

Alguns d'entre elles são perversos, que só querem que trabalheis para elles.

Outros, são ignorantes que não sabem o que querem, nem o que dizem.

Outros emfim são vossos amigos ; mas amigos imprudentes, entusiastas, cegos, que querem fazer-vos bem, e vos farão mal.

Dir-vos-hão uns — Destruamos. Depois tomarão posse dos lugares que deixardes.

Outros dirão — Destruamos. Mais tarde recuarão, abandonando-vos.

Dos ultimos finalmente ouvireis — Destruamos. Depois, não tendo nada disposto, nada prevenido : mas supondo-se vossos amigos, far-vos-hão penetrar no labyrintho, calindo pouco depois de lascidão, fraqueza e terror.

Todos esses são vossos inimigos.

Mas ouvi attentamente os conselhos dos vossos verdadeiros amigos : ouvi o que elles crerem : vede o que elles fazem :

Abrem este livro que está em minha mão ; procuram a lei que Deos escreuen em caracteres eternos : estudam para a comprehendêr e para a admirar : estudam tambem para a cumprir.

N'ella vêem que Deos fez a Humanidade, dando-lhe uma vida impossivel de acabar, uma força herculea ; que lhe marcou um fim, um caminho invariavel, contínuo e progressivo para esse fim ; que lhe marcou a estrada a seguir, os meios de accão, os modos de existencia, os elementos de força e progresso.

N'uma palavra : Deos, depois de a ter provido de todos os attributos necessarios, lançou-a n'esta eternidade, para a qual os seculos são instantes, dizendo-lhe :

Não morrerás : triumphante, seguirás sempre, com teus diversos modos de existencia resistirás aos esforços vãos de teus inimigos ; uns, por temerarios, quererão fazer-te parar ; mas tu os reduzirás ao nada, rindo, e elles voltarão ao pó de que sahiram ; outros, pelo contrario, procurarão apressar-te e illudir-te ; mas vel-os-ha igualmente perecer victimas de suas tentativas. Sentirás algumas vezes desarranjos passageiros ; não te inquietes : são os males necessarios, os preservativos indispensaveis das grandes molestias — jamais enfraquecerá a tua constituição ; sempre forte e solida, não serás nem sequer levemente transtornada pelos pigmeus que contigo quizerem lutar. Vai pois e nada temas ; eu te abenço : é Deos, o Deos forte, o Deos creador do mundo para ti. é Deos que te protege....

E a Humanidade seguiu.

Em virtude das leis da sua origem, sentio então necessidades physicas : contentou-se com os fructos expontaneos da terra, com os animaes dos matos, a agua dos rios e com o sol que a vivificava. Errante, vagabunda, irregular, teve gostos caprichosos, e pouco tratou de os satisfazer :—olhando sem grande attenção para a uniformidade, satisfez-se com um estado que apenas lhe dava o preciso para seu consumo. Muitas vezes pensou que a união de seus elementos podia ser mais completa, os choques menos frequentes, as suas necessidades, com quanto satisfeitas, não o eram inteiramente, e uma nova ordem de necessidades bem depressa surgiu—as necessidades intellectuaes.

Sentio então uma feliz revolução. Os atomos se juntaram mais completamente : conhecco-se composta de massas compactas e indissoluvels ; nas novas necessidades, devia achar novos recursos: as leis, a agricultura, a industria, o commercio, as sciencias e as artes a procuraram. Campo vasto e fecundo, o campo da intelligencia lhe foi apresentado e offerecido : as necessidades physicas e intellectuaes se combinaram para dar novos recursos, e a necessidade, a melhor inventora, se tornou dobradamente engenhosa. Então nasceram as nações, as leis escriptas, e as relações mutuas dos povos; foi assim que as ordes inimigas formaram todos compactos, que a intelligencia da Humanidade lhe suggerio os meios de evitar os males que supportava, porque em lugar de sentir as commocões de todos os dias, em lugar de supportar os conflictos diarios dos simples elementos, apenas tinha a soffrer as coalisões, mais violentas é verdade ; mas infinitamente mais raras, dos elementos compostos.

Entretanto a Humanidade não estava satisfeita : ainda soffria de quando em quando, e os esforços que empregou, deram o ser a uma terceira ordem de necessidades : as necessidades moraes.

Eis ahí as que a inspiraram : eis-ahí as que lhe dictaram os milagres.

É o seu coração que hoje pede um pasto.... Deos lhe deu o amôr; é o amôr que a tornou verdadeiramente forte e feliz ; é o amôr emfim que reunio todos os elementos compostos : o elemento unitario, nascido humanitario, e a Humanidade não mais sentio, nem os conflictos diarios dos elementos simples, nem as coalisões infinitamente menos frequentes dos elementos compostos ; chegou ao seu estado normal, ao seu estado de socego.

Foi assim que o corpo, depois o corpo e a cabeça, emfim o corpo, a cabeça e o coração quizeram successivamente satisfazer-se : foi assim que a terra, e mais tarde a terra e a sciencia, e finalmente a terra, a sciencia e o amôr foram conquistados pela Humanidade.

E' difícil porém dizer-vos, o numero de seculos que este desenvolvimento consumiu ; para a Humanidade os seculos são horas na sua existencia infinita ; por isso, pouco se inquieta com a perca de um momento ; uma pequena demora, uma curta hesitação, um obstaculo a vencer, tudo é nada para ella.

Mas que se passou depois que a Humanidade chegou a este novo grao de força, que completava a sua organisação ? Não posso dizer-vô-lo, e

não procureis saber-o : fraco como sois, o vosso espirito terrestre recusa-se a resolver tão profundos mysterios : teme de envolver-se nos abyssmos da divindade ; também insensato aquelle que quizesse levar-vos até um ponto que desconhece ; desgraçado d'elle ! porque vos mostraria uma estrada errada, indicar-vos-hia meios perniciosos, dar-vos-hia conselhos inuteis : contentai-vos pois em ver o que foi e o que é... só Deos sabe o que será.

Talvez vejais operar-se a fusão dos mundos ; talvez que o sol, esse astro immenso, para o qual tendem e tenderão todas as intelligencias, venha a juntar a sua natureza com a da Humanidade : talvez aceitando um raio desse astro luminoso, se sinta transformar, e cada mundo, vindo a ser vivificado por um raio igual, talvez venha a dar a conhecer à Humanidade alguma cousa mais do que a terra, e fórme nós indissoluvels com todos os mundos do oceano dos ares.

(Continua).

O GENERO HUMANO

VERSO E REVERSO.

1.^a PARTE.

Os homens julgados pelas mulheres.

Todo o homem que tem sangue nas veias, é absoluto ; todo o homem que tem dignidade, é absoluto ; todo o homem que tem espirito, é absoluto.

Mme. Emile de Girardin.

Os homens não são nunca, nem tão bons como nós os julgamos pelas nossas sympathias, nem tão maus como os avaliamos pelas nossas cojeras.

Mme. Caroline Angebert.

A maior parte dos homens semelham-se entre si, não no que fazem; mas no que podem fazer.

Mme. de Staél.

Os homens são iguaes em todos os paizes, quanto ao fundo: têm os mesmos vicios e as mesmas paixões. Só variam pela forma, segundo a diferença dos climas, costumes e educacões: semelhantes aos cães de diferentes raças que têm sempre os mesmos instintos, quer tenham as orelhas mais ou menos compridas, ou o pello d'esta ou d'aquelle cor.

Mme. d'Arconville.

É um erro acreditar que o homem nasce verdadeiramente bom, assim como o é, crer que possa nascer verdadeiramente máo. Concordo que não deve ser abandonado, nem ás suas boas inclinações, nem aos vicios reconhecidos. A bondade de natureza, os germens das melhores qualidades, podem, é verdade, ser destruidos por circumstancias ou falta de cuidado; mas as más inclinações tambem podem ser corrigidas e reprimidas.

Mme. Fanny Maréchal.

Os homens levam a injustiça ao ponto de não consentir que os censurem pelas accões que os deshonram.

Mme. Puissieux.

Nós que vemos o homem em toda a parte, em todo o tempo, senhores de si, conter perfeitamente as suas inclinações animaes nos limites das faculdades e bom senso, devemos crér que a natureza os destinou para nos governarem, muito mais, que nem sempre nos podemos lisongear de exercer um imperio tão completo sobre nós mesmas. Mas como podemos conceber uma tal idéa d'elles quando os vemos com uma ambição de dominar que não pôde ser satisfeita senão por uma autoridade absoluta, prostituindo a razão a paixões vis, deixando captivar o bom senso pelos preconceitos e sacrificando a um habito pouco judicioso, a equidez, a verdade e a honra?

Lady ...

Muitas accões boas, não formam a reputação de homem honrado, e uma só má a destrói; entretanto, poucos há que não tenham a exporbar-se de alguma. Seria preciso seguir os em todos os passos da vida, para dizer com segurança qual é o homem honrado.

Mme. Puissieux.

De ordinario aquelles que antes do casamento foram os mais prodigos de adulção, e que mais exageraram os seus protestos de dedicação, são depois os maridos mais desarrazoados e exigentes.

Mme. Ellis.

A maior parte dos homens desejam mais ser admirados do que amados. A admiração satisfaz o amor proprio e todos elles o têm. A amizade é um sentimento e poucos são aquelles que se quer o conhecem.

Mme d'Agout.

Com quanto não haja maior absurdo do que a distancia que o homem poe entre o seu e o nosso sexo, é preciso convir que não ha crença popular mais antiga e mais universalmente acreditada. Os sabios, assim como os ignorantes, opinam que os homens são superiores ás mulheres e que a dependencia em que nos collocaram, é o verdadeiro estado a que nos destinou a natureza: de sorte que, avançar uma doutrina contraria a um preconceito tão antigo, parece um paradoxo tão forte, como o era afirmar-se antigamente que no outro hemispherio, havia homens que andavam de cabeça baixa, por nosso respeito: só um exame exacto pôde fazer conhecer que um, bem como o outro, são poucos conformes com a verdade.

*Lady ****

Todo o homem tem na mão a pedra que nos deve lapidar no dia da adversidade.

Mme. C. Bach.

Os homens assemelhão-se a uma pendula que tende de continuo ao descânco pelo movimento.

Mme. Necker.

Um Allemão honrado vale mais que todos os Ingleses juntos.

Mme. Duqueza d'Orleans.

Muitos homens depoem ao limiar da porta de suas casas, a amabilidade seductora com que se apresentam no mundo.

Lady Pennington.

Um amante é o homem nas mãos do qual a mulher entrega a sua reputação e felicidade, e é quasi sempre qual tigre....

Mme. Aglaé Danson.

O homem capaz de ser o amigo da donzella, sem pretender vir a ser seu amante, é sem duvida d'uma natureza superior.

Mme Flora Tristan.

Toda a mulher pôde ter certeza da affeção exclusiva do seu amante, quando apenas lhe pede algumas horas de duração.

Mme. Flora Tristan.

Não são os desejos de um amante que offendem : são as suas esperanças.

Mme. C. Tee.

Nada ha de mais perigoso para uma mulher honrada, do que um amante prudente e respeitoso, porque por sua conducta afasta toda a suspeita de perigo, e o torna quasi inevitável.

Mme. d'Arconville.

Nada ha mais inflexivel do que um ambicioso que espera o bem para si, mesmo a troco do mal de outrem.

Mme. de Staél.

Os homens de hoje tem a alma tão pequena, que se um dia chegam a inspirar um desses amores heroicos que o coração da mulher conhece ainda, e que os instigam um tanto á grandeza, eis-los embaraçados. Procuram então minorá-lo, deprimil-o, talhá-lo á sua medida.

Mme. a' Agout.

Diz-se que se perde o amigo que faz fortuna. Assim será ; mas o que muitas vezes succede, é perder-se igualmente o que cahe na miseria.

Mme. de Salm.

O amor é hoje toda a ambição da mulher. Para o homem, pelo contrario, é apenas o sonno momentaneo da ambição.

Mme. d'Agout.

Não ha talvez um só homem tão perfeito que não dê algumas vezes motivo aos seus amigos de se arrependerem de lhe haverem dado a sua amizade e confiança.

Mme. d'Arconville.

E inutil esposar o amigo ; melhor é não esposar o amante.

Mme. d'Arconville.

A maior parte dos homens, amam-nos sempre mais por habito e conveniencia do que por escolha e sympathia. Esta verdade, quasi todos os dias o prova a sua conducta : entretanto, pouco ha quem o creia. O amor proprio nos diz o contrario, nada prova, e nós o acreditamos.

Mme. d'Arconville.

A amizade entre o homem e a mulher é o mais agradavel de todos os sentimentos ; mas a dos homens entre si, é mais firme e menos sujeita a mudanças. A das mulheres é tão rara que quasi se pôde dizer que não existe.

Mme. d'Arconville

A paixão do amor, quem a conheceo ? Um homem talvez n'um seculo, e esse, quererá, saberá elle dizer o que sente ? E se elle o disser, quem o comprehenderá ?

Mme. d'Agont.

O futuro reserva ainda ao homem a mais bella das conquistas moraes : o amor. Quando a mulher não for unicamente por gracejo, mas verdadeiramente e segundo o espirito, a metade do homem, o sentimento do amor que até hoje na-la mais tem sido, do que uma chimera, virá a ser, na sua constancie e plenitude, a harmonia suprema da vida humana.

Mme. d'Agont.

Em todos os tempos tem a amizade sido olhada, como um dos primeiros bens da vida. É um sentimento nascido comosco. O primeiro pulsar do coração, foi o de primeiro unir-se a outro coração : contudo, é uma queixa geral : todo o mundo diz que não ha amigos. Os seculos decorridos, apenas nos apresentam tres ou quatro exemplos de amizade verdadeira. Se todos os homens concordam nos encantos da amizade, porque, por interesse commun, se não unem para a gozar ? É um effeito do desregramento dos homens, cegando-se, em seus verdadeiros interesses. A sabedoria e a verdade esclarecendo-nos, tornam o amor proprio mais habil, e nos ensina que os nossos verdadeiros interesses, são o ligar-nos à virtude, e que esta conduz aos doces prazeres da amizade. Vejamos pois, quaes são os encantos e as vantagens da amizade, para os procurar, qual é o verdadeiro caracter da amizade, para o conhecer, e quaes são os deveres da amizade para os prehencher.

Mme. Lambert.

O amor de um velho, assemelha-se às pobres flores isoladas que crescem a custo entre as pedras de um monumento em ruínas : ninguém d'ellas cuida.

Mme. C. Bach.

O homem que possue o amor de uma mulher, possue-a completamente ; a mulher, pelo contrario, possuindo o amor de um homem, só possue d'elle uma parte da sua alma.

Mme. C. Bach.

Os amores, mesmo os mais nobres, morrem muitas vezes por pouca fidelidade da parte da mulher, e pouca delicadeza da parte do homem. Uma excede a medida da condescendencia e aborrece ; o outro excede a medida das exigencias e revolta. Uma consciencia mais justa do seu valor, n'aquelle, um sentimento menos rude da sua superioridade, n'este, sustentaria a harmonia e prolongaria a duração de um sentimento que não é tão essencialmente móvel e ephemero, como nos affectamos suppô-lo.

Mme. d'Agout.

O amor é um verdadeiro capricho, involuntario n'aquelle mesmo que o sente. Para que quereis pois, que o objecto amado seja obrigado ao menor reconhecimento por um sentimento cego ? Sois bem singulares ! Offende-vos a mulher que não responde incontinenti aos vossos olhares. O vosso orgulho revoltado a accusa desde logo de injusta. Como se fôra uma falta que a cabeça se vos transtorne ! Como se ella fosse obrigada a scatir-se achacada do mesmo mal e ao mesmo tempo !

Mme. Ninon de Nenclos.

O amor cria heroes e os torna audaciosos. Carlos XII da Suedia foi talvez o unico que nunca amou ; mas foi punido : morreu louco e desgraçado. Os antigos allemães diziam que *havia alguma cousa de divino n'uma mulher bella* : sou quasi da opinião d'elles, e entendo que a grandeza de Deos, brilha com mais esplendor n'un rosto bello, do que no cerebro de Newton.

Mme. de Pompadour.

Se quereis conhecer o valor real de um homem, informai-vos de antemão da sua maneira de proceder em objectos de amor. O homem que só precura no amor a gloria tola de triumphar de uma creatura fraca, que, abusando da confiança que a affeição de uma creança n'elle depositou, a tracta com dureza, despreso, e finalmente a abandona à infamia, esse homem seria — um rei assassino — um guerreiro traidor — um homem politico, vil, sempre facil em subornar-se.

Mme. Flora de Tristan.

O homem martyrisado pelo amor, não se pertence a si proprio : é dominado pela vontade de uma pessoa, e perde a sua individualidade, que vai confundir-se com a do objecto amado.

Mme. Flora Tristan.

Quem poderá definir o sentimento que faz com que um homem pareça cercado de uma aureola divina aos olhos de uma mulher por quem é amado, que o distinga entre mil outros ; que a sua presença pareça tudo mudar, e animar a natureza intima ? É o sentimento que faz crer à mulher, desde que deixa de amar, que esse ente foi despidido dos encantos de que o vira cercado, e não tenha, para ella, mais do que o valor dos homens que lhes são mais indiferentes ? !

Mme. de Salm.

A mulher que não viu o amante durante o dia, considera esse dia como perdido para ella ; o homem, mesmo o mais terno, considera-o unicamente como perdido para o amor.

Mme. de Salm.

O homem uma vez convencido, pelas provas as mais exhuberantes, do nosso amor, descança nessa convicção, e amamos menos, e quando perdem a idéa da nossa superioridade, mais se orgulham de si proprios, e facilmente nos calcão aos pés.

Mme. Gatti de Gamond.

O homem nunca é tão generoso no amor, como a mulher. Todos os dias exige novos sacrifícios — faz-nos renunciar todas as sociedades, todos os nossos gostos e habitos, e deve notar-se que quanto mais se lhe concede, mais exigem. Nunca é completamente satisfeito, ou se o é, o seu amor diminue à proporção do socego que se lhe dea.

Mme. Gatti de Gamond.

É cousa sabida pelas mulheres que, em geral, o homem que falla com espirito do amor, é mediocremente amoroso.

Mme. George Sand.

O homem que nasceu para amar, não se pergunta se o objecto do seu amor é digno d'elle. Do momento que ama, não examina o passado, goza o presente, e crê no futuro. Se a razão lhe diz que ha no passado alguma cousa a perdoar, perdôa do fundo do coração, sem fazer ecoar a sua generosidade como uma maravilha.

Mme. George Sand.

Para amar, é preciso comprehender o que é uma mulher, qual a protecção e respeito que se lhe deve. Aquelle que se compenetra da santidad dos engajamentos reciprocos, da igualdade dos sexos perante Deos, das injustiças da ordem social e da opinião vulgar a este respeito, pôde o amor revelar-se em toda a sua grandeza, em toda a sua belleza; mas para aquelle que está embebido dos erros communs, sobre a inferioridade da mulher, diferença de seus deveres com os nossos em caso de fidelidade, para aquelle que não procura senão emoções e não um ideal, o amor verdadeiro nunca será comprehendido. E, por causa d'isso, o amor, esse sentimento que Deos fez para todos, não é conhecido senão por um bem pequeno numero de pessoas.

Mme. George Sand.

Ninon de Nenclos diz que « se um homem dá á mulher, riquezas, dá unicamente uma prova do seu amor. » Entretanto, não se pôde considerar isto como prova bem concludente, porque, dando-lhe o seu tempo, não lhes dão mais do que aquillo que quasi sempre nenhum valor tem a seus olhos.

Lady Blessington.

Os homens acham felicidade no amor que sentem: as mulheres no que inspiram.

Elles querem um primeiro amor; nós um ultimo.

Mme. F. de Pussy.

O amor, segundo alguns, é a curiosidade: toda a mulher é sabido que cahe; mas é preciso saber como.

Mme. F. de Pussy.

O homem que se conhece com forças para conter o amor nos devidos limites, e que pôde evitar os excessos e o perigo d'este delirio, é sem contradição o mais feliz, o mais sabio, o que mais favorecido foi pela natureza ou pelo acaso.

Mme. de Salm.

No casamento só o amor do homem fraquêa, é para sempre. A mulher, graças á energica facultade da sua sympathia e imaginação, pôde viver recordando-se do passado, e dos sentimentos extintos; mas o natural do homem, não consente iguaes recordações. Uma vez fraqueando a sua ternura, para com o objecto da sua dedicação, o amor morreu.

Mme. Ellis.

Só o homem inexperiente faz uma declaração de amor em fôrma. Uma mulher persuade-se mais de que é amada, pelo que advinha, do que pelo que lhe dizem.

Mme. Ninon de Nenclos.

Ninguem ha mais egoista do que o homem apaixonado pela gloria ; quer dizer do que o homem possuido da paixão de se crear uma grande e brillante nomeada. Para a obter, elle fará tudo quanto poder e entender preciso—olha com indifferença para a desgraça de um milhão de criaturas innocentes. È o amor da gloria que faz e tem feito nascer os conquistadores. È o amor da gloria que formou pretendidos heróes, esses homens cujos talentos só tem produzido morte e desolação.

Mme. de Genlis.

O que mais agrada aos homens, é o serem amados pelos seus defeitos, e lisongeados por todas as qualidades que não possuem : com a faculdade de os suppôr taes como elles desejariam sê-lo, regosijá-se tanto o seu amor proprio, que nada mais exigem.

Mme. Sophia Gay.

Os homens frios e egoistas têm um prazer particular em rir-se das dedicações apaixonadas, e desejariam poder fazer passar por ficticio, o que não sentem.

Mme. de Staél.

Um autor que sacrifica tudo ao desejo de admirar, de agradar e de seduzir, sejam quaes forem os seus talentos, nada pôde fazer verdadeiramente útil: por isso as obras de Rousseau deram origem a tantas desordens.

Mme. de Genlis.

É mais raro encontrar um velho sem avareza, do que um mancebo que não seja nem amoroso nem libertino.

Mme. d'Arconville.

Os homens são bizarros : não sabem recusar cousa alguma à mulher que lhes é estranha, e aquella que mais carinhos lhe merece, é aquella com quem menos se ocupão.

Mme. de Salm.

O homem sabio nunca é feliz : a felicidade quasi que só depende do acaso e circunstancias. A sabedoria consiste em fazel-a nascer, segundo seus intentos e em aproveitar mais tarde com prudencia.

Mme. de Puissieux.

228 471
Os homens são loucos, incapazes de fazer e de conhecer a sua felicidade.

Mme. de Puissieux.

A belleza do coração é tão rara como o verdadeiro talento.

Mme. d'Agout.

Não procureis elevar-vos; procurai ser bom, não procureis tornar-vos celebre, mas útil. A maior gloria do mundo não vale o sorriso de contentamento e de amizade, nos labios daquelle a quem bemfizemos.

Mme. de Lamartine.

Não é a coragem que leva um mancebo ás fileiras. Só na volta da campanha se pôde conhecer se elle a tem.

Mme. de Puissieux.

Um dos mais seguros meios de penetrar o caracter do homem, é o de o estudar na sua conversação.

Mme. de Sommery.

Catão, tão admiravel, como parecia, era uma especie de pedante da liberdade e da honra.

Rainha Christina da Suecia.

O coração do homem, é tão bizarro, que o leva muitas vezes a desprezar o que a natureza creou de mais interessante e amável, para se ligar a criaturas sem merito e sem conducta.

Mme. de Puissieux.

A cabeça de uma mulher está sempre debaixo da influencia do seu coração; mas o coração do homem, quantas vezes se rege pela cabeça!

Lady Blessington.

Ha uma infinidade de homens que podem governar — poucos são os que se podem governar-se a si proprios.

Miss Wright.

A consciencia do homem, leva-o a amar-se, se pensa — e a aborrecer-se, em caso contrario.

Mme. C. Fee.

Há entre os homens um enviado de Deus — a consciencia; — a sua voz é a unica revelação divina que o homem sabio pôde admittir.

Mme. G. Féé.

O homem moralmente bem organisado, tem consigo um tribunal mais severo do que outro qualquer.

Mme. C. Bach.

Todo o homem que procura consolação, depois da perda do objecto que amava, já tem uma parte da consolação.

Mme. d'Arconville.

Todas as contradições, todos os movimentos contrarios do homem, são verdadeiros. Explicão-se por estas tres palavras — « Eu te amo. »

Mlle. d'Espinasse.

Uma das cousas que os homens menos perdoam, é a contradicção directa das suas opiniões.

Mme. Necker.

Os homens que mais contradizem, são os que menos sabem supportar a contradicção.

Mme. de Verzure.

Os homens contradictórios, contradizem-se muitas vezes a si proprios.

Mme. de Verzure.

Os homens chamão *coquette* a mulher que lhes agrada, e à qual não podem agradar.

Mme. F. de Pussy.

(Continua).

FOLHAS SOLTAS.

CARLOTINHA.

Carlota — a minha sympathica — é simples como um lyrio á margem de um lago tranquillo; filha dos sertões, ella ama como eu as poeticas choupanas onde habita a felicidade, os campos vestidos de flôres e a suave tristeza da solidão.

Ella ama a sensitiva melindrosa e a acuçena innocentia, como symbols da sua alma, e gosta de ouvir, reclinada no meu hombro, a vida sentimental que seu velho pai dedilha ao cahir da tarde.

A minha Carlota não se embriaga com os perfumes dos salões, não sonha com os theatros, e não passa noites sem dormir, a braços com os pensamentos das moças da Corte; o seu sonno é tranquillo e puro, como o de uma criancinha no seu leito de flôres.

Eu orgulho-me quando passeio com ella pela aldeia, assim vestida de branco, sem mais enfeites de que uma roza em seus cabellos. E para que mais?... ella não precisa da arte para tornar se bella, a natureza foi prodiga com a minha Carlota!...

Ella é formosa como o sorriso innocentinho de nossa irmã quando vem abraçar-nos; seus cabellos são louros e assetinados; seus grandes olhos azuis, languidos como as estrellas de um Céo nevoento; sua tez, macia e clara como as pétalas dos jasmins.

Essa simplicidade de costumes me agrada: eu admiro n'aquella menina as virtudes, a nobreza de coração e essa alma angelica.

Carlota é simples como o lyrio á margem de um lago tranquillo; filha dos sertões, ella não pensa nos bailes e não se embriaga com os perfumes dos salões: ella ama, como eu, as poeticas choupanas, onde habita a felicidade, os campos vestidos de flôres e a suave tristeza da solidão.

1860.

ALEXANDRE DE SOUZA.

ELINA.

A flor do meu coração nasceu e desabrochou pelo brilho de teus olhos; o palpitar ardente de teu peito perfumou-a do mais embriagante aroma, o sorriso angelico de teus roseos labios semeou-a das mais variagadas cores, o volver meigo e terno de teus olhos deu-lhe belleza e magestade: fostes sua amiga... sua irmãa. Oh! como foi bello

aquelle tempo em que a flor unida ao teu seio affrontava as tempestades da vida e os dias calmosos do estio; em que a tua ternura doce e divina a defendia dos espinhos das outras flores; ella era bella como os teus olhos, modesta como o teu ar e meiga como as tuas palavras.... feliz era a flor; — tinha por companheira Elina e os beijos da brisa: — hoje ella é triste, solitaria pende sobr'sua hastea e está quasi murcha.

Elina despresou-a — a brisa esqueceu-a; pobre flor! Ingrata, não sabes que aquella flor é obra tua; que ella nasceu pelo volver dos teus olhos e pela belleza do teu semblante? ! queseim ti não crescerião as suas petalas e nem tomaria tão poeticas cores? não sabes que a flor sem o aroma de outra flor não pôde existir? Oh! és muito má.

Não vês no deserto immenso do meu coração uma flor murcha e triste? uma que por si só diz o que os lábios exprimir não podem?

É a desterrala dos teus sorrisos — é a flor do meu amor, e queres com tanta indifferença, com tanto esquecimento deixal-a morrer tão cedo?

Não, Elina, és bella, e bello deve ser teu coração: acolhe essa flor, aquece-a junto ao teu seio, ella ainda pôde ter dias felizes, ainda pôde tornar-se tão bella como outr'ora foi, não sejas ingrata — essa flor é a existencia dos meus dias, é o iman que atrahe a vida aquelle que perdendo uma a uma as suas crencas vai morrendo na primavera dos annos; — aceita essa flor, une-a ao teu coração, — ella é pobre, é simples porém, em si é o amor puro e sancto como os teus pensamentos, verdadeiro e casto como as palavras que à noite diriges à Virgem.

Elina, a flor carece de vida, carece de amor — ama-a, porque ella sem ti morrerá secas as flores e triste deixará a vida amaldiçoando aquella que lhe foi ingrata e inconstante.

M.

A MULHER.

Cahido o mundo nos primeiros dias de sua existencia pela desobediencia aos preceitos divinos, quando as bases do edificio social não se achavam ainda firmadas; essa falta de fé e confiança que devia a mulher guardar para com seu Creador trouxe após si todos os germens de dissolução, que se desenvolveram em seus descendentes.

De geração em geração caminhou sobranceiro o genio das trevas, e adejando por sobre as incultas nações cuspiâ-lhes o vicio e a devastação. As turbas desenfrejadas sem um ponto de apoio religioso entregavam-se a loucos festins, e, com os olhos sedentos de deleites e o coração vazio de puras aféições, bebiam nas horridas orgias insaciantes tragos de prazer.

A lei era do mais forte e mais astuto ; este tudo gozava, mas por fim era sacrificado por outro que mais força ou agilidade adquiria.

Quaes feras, entre esses primitivos povos, não havia amor de pai, de mãe, de irmão : o que havia dado o ser, morria aos golpes da maça do seu filho, ou este era estrangulado nos ebrios delirios por aquelle mesmo que o gerara ! Aquella que carinhosa alimentara em seus peitos o fructo de suas entradas, por este mesmo, contrariando a natureza, era coagida a dar-se á sede de seus impudicos gozos !

Era por toda a parte o vicio, era por toda a parte a prostituicão e o horror que se ostentavam por sobre milhares de cadaveres, eram esses vis attributos da deserença que viajavam do oriente ao occidente, pisando victimas, calcando aos pés tudo o que ha de sagrado e bello nas obras da divina bondade, finalmente era a barca do inferno sulcando um mar de sangue, sopradas as velas com o vento das trevas.

O acabamento dessas horridas scenas seria ou uma hecatombe em que os homens se estrangulariam uns aos outros, ou novos diluvios era mister apparecessem, para que fertilisada a terra, outra geração brotasse.

Deus não foi indiferente com seu povo ; o ente bom por excelencia não podia olhar rancoroso para a confusão que se manifestava em toda a natureza.

Uma religião de piedade e de perdão apparece. Uma era de felicidade vai reinar no mundo.

Os meios fortes de outros tempos são deixados de parte. Não é mais o incendio que arrasa cidades populosas ; não são as pragas que flagelam o povo em desordem ; não são os elementos que em luta mostram em sua grandeza um poder superior ; não é o raio que com seu disco de fogo brilhante vem dizer-nos partido da mão de um pai em colera ; não é seu estampido que nos aterra e nos prostra ; não : é elle mesmo que, todo cheio de misericordia, se humanisa, e vem, caminhando por entre nós, ensinar-nos a verdade e dar-nos a luz.

É uma religião de paz e de amor que prega com a doçura que sóem dar a pureza e o conforto ao coração. Sua palavra, seu exemplo, seu martyrio, seu final saerifício, regeneram a humanidade inteira ; seu sangue que serpenteia da cruz, lava-nos a pôdre chaga do peccado primeiro, e seu corpo, que dá-nos a comer, nos allia à sua divina essencia.

A mulher é levantada desde então d'esse aviltamento em que jazia, e torna-se considerada, porque é realmente esmagada a cabeça da serpente, como o havia dito Deus á mãe do genero humano. Não mais é apreciada tão somente nas orgias, não é mais decantada sua belleza com o tinido dos copos nas espeluncas do vicio : uma posição distincta passa a ocupar na sociedade que renasce. A Mãe do Creador ergue-a para sempre, ella pôde ufanar-se de ter em si o mysterio da encarnação, de possuir em sua essencia um dos pontos da cadêa da humanidade que vai tocar o infinito.

Essa religião tão boa santifica os gozos do amor e torna-a compaheira real do homem.

O amor que arrasta-a para o homem, seus sonhos de ventura, seus almejos de felicidade, seu proprio futuro dependem de si propria. Se caminhar cuidadosa, fugindo aos escolhos que encontrar por entre as veredas da vida; se seguir firme ao verdadeiro alvo a que tem direito tocar: um horizonte magestoso illuminará seus passos, clareará seus dias; um porvir calmo entremeiado de puros deleites se estenderá em sua dianteira.

No homem vai ella achar um amigo, um protector e um guia, e no seu regaço encontrar o agasalho paternal. Este vê em sua companheira a doce consolação a seus pezares, o anjo que lhe encanta dias amargos com o sorriso angelico que lhe paira nos labios, com as caricias naturaes emanadas de um coração amante.

Mais tarde traz em suas entranhas o fructo de seu amor. Uma nova existencia vai rebentar de sua natureza e de sua individualidade surgir outro ser que se multiplicará infinitamente.

Seu estado é bello e grandioso! É a vida de uma creatura que está dependente de sua carne, e cujo sim tem-o em suas mãos: pôde fazel-o um grande personagem, uma flôr que enfeite o prado da vida, ou uma nihilidade, uma parasyta venenosa, que cause asco e sirva de peso à terra.

A maternidade é o mais mimoso estado da mulher. Ser mãe!... oh! quão sublime não é esta palavra! quantas doçuras não encerra tão angelico nome!

Quantos com o coração magoado não pranteiam aquella que os trouxe em seu seio, que nos seus peitos fez libar-lhes seu proprio sangue, dispensando-lhes uma parte de si mesma, que ensinou-lhes a articular os primeiros monosyllabos da sua lingua, que com mão carinhosa e firme ajudou-os a dar os primeiros passos de criança, e depois em tudo até fazer-se homem!..

A mulher é tudo para o homem. Ella poderá fazer delle um sabio, um homem de bem, um grande e notavel entre os seus, se um amor sincero pulsar-lhe o peito sob a egide poderosa da virtude; um perverso, um malvado, uma mediocridade e mesmo ateu, se o seu fundo, seus instintos forem uma aberração dos do seu sexo.

Uma mãe é a fonte de todos os bens e pôde-o ser de infindos males. Se em seu coração houver tanta fé quanto amor, se afagar-lhe a crença, se vir o mundo pelo lado que o deve olhar e não pelo prisma que encobre seu asqueroso aspecto: sua tarefa será facil e seu fim, tornar-se-ha por demais util, pois que seus filhos terão um nome e espalharão as luzes de virtude que allumiaram sua fronte no collo materno e quaes perfumadas flôres em seu transito deixarão tudo impregnado de seu vivificador aroma; as bençãos que cahirem nesses fructos de seu amor santificado como um incenso irão thuribala em a regia dos justos; o estado não sofrerá a ponderação desses individuos tendo nelles, ao contrario, um apoio, um ministro da verdade e seus semelhantes um pai, um amigo, um irmão...

E só a religião faz isto; não essa religião hypocrita e desfarçada, mas

o sincero amor de Deus, a crença, a fé em tudo quanto provém delle; não essa ostensiva e luxuosa religião em que o coração não toma parte; mas a da pureza da consciência, da virtude, do amor do próximo; a religião que tem por base o elo que partindo do calvário, amplexando a humanidade vai terminar no infinito, essa linha que se desprende do sacrario da Eucaristia e termina nos braços de Deus, sempre prompto a receber os que o buscam.

O amor materno é o mais puro de todos os sentimentos e praza aos céos, que fossem todas as más guiadas pelo phanal do Evangelho, porque a sociedade seria levantada e o não protestantismo se manifestaria em tanta cabeça juvenil que na pia baptismal recebeu o esquecimento do passado, nem tantas perdições teríamos a lamentar.

A civilisação de um povo, diz um notável escriptor, é conhecida pelo grau de ilustração da mulher; ella é o thermometro que marca o progresso e adiantamento da sociedade: a sorte das nações está em suas mãos.

Assim se compenetrassem elles desta verdade.

BRAULIO CORDEIRO.

SIMPLIFICAÇÃO DAS FRACÇÕES.

THEORIA ELEMENTAR DO MAXIMO COMMUN DIVISOR.

Como em geral a idéa que se pôde formar a respeito de uma fracção depende a grandeza de seus termos, conclue-se que quanto mais simples forem os termos de uma fracção, tanto mais exacta será a idéa que se pôde fazer a respeito da grandeza que ella representa; logo, devemos considerar como absoluta e necessária a resolução da questão em que se trata de passar de uma fração dada, para outra cujos termos sejam menores do que os da fração primitiva, por isso que desde que os termos da fração, ou ao menos o denominador é um número considerável, como este mostra em quantas partes iguais a unidade está dividida, (onde se conclue que elle fixa a especie de grandeza a que a fração se

refere) este mostrando a unidade dividida em um grande numero de partes, resulta que a grandeza de cada uma destas partes é consideravelmente pequena. Vemos pois com toda a clareza que para formar um juizo perfeito a respeito da grandesa que uma fraccão representa, é sempre conveniente que sendo o denominador numero inteiro, elle seja o menor possivel. D'aqui resulta que se imaginarmos que os termos de uma fraccão qualquer variam, isto é, crescem ou diminuem, sendo o denominador um dos termos della, é claro que á medida que elle for crescendo, irá tambem augmentando o numero de partes iguaes em que a unidade está dividida, semelhantemente quando elle for diminuindo, vai tambem decrescendo o numero de partes em que a unidade se considerava dividida, mas o nosso espirito abraça com toda a facilidade que—quando se comparam duas grandesas entre si, e se considera que uma d'ellas diminue ou aumenta, e a outra se conserva constante, á medida que ella fôr augmentando, vai claramente diminuindo o numero de vezes que ella se pôde conter na outra, e por consequencia diminuindo o numero que não é senão a relaçao existente entre elles; por consequencia podemos dizer, á medida que diminue o numero de vezes que uma grandeza se pôde conter n'outra, vai crescendo successivamente essa grandeza, entretanto que á medida que essa grandeza fôr se tornando menor, vai crescendo o numero de vezes que ella se pôde conter na outra, por consequencia, tornando-se cada vez maior o numero que mostra a relaçao entre elles; logo á medida que vai crescendo o numero de vezes que uma grandeza qualquer se contém na outra vai visivelmente diminuindo essa grandeza. Se pois é obvio, e está demonstrado com precisão e clareza, podemos concluir com toda a força de logica que sendo o denominador de uma fraccão o numero que mostra em quantas partes iguaes a unidade se considerava dividida, elle claramente mostra quantas vezes uma dessas partes se contém na unidade; por consequencia á medida que elle fôr crescendo, tambem augmenta-se o numero de vezes que uma das partes em que a unidade está dividida se contém nessa unidade, e por conseguinte diminuindo-se a grandeza de cada uma das partes, e tambem quando elle fôr se tornando cada vez menor, irá decrescendo o numero de vezes que uma das partes em que a unidade está dividida, se contém nessa unidade, e segundo o que já dissemos irá crescendo a grandeza de cada uma d'ellas.

Tomemos pois uma fraccão, como por exemplo $\frac{a}{b}$, representando a e

b numeros inteiros quaesquer ; se imaginarmos que a forma desta fracção vai cada vez se complicando mais, o que corresponde a suppôr que os seus termos vão-se tornando cada vez mais compostos, então o denominador b vai cada vez se tornando maior ; mas como elle exprime em quantas partes iguaes a unidade está dividida, é claro que á medida que b denominador da fracção $\frac{a}{b}$ fôr crescendo, irá augmentando o numero de partes em que a unidade está dividida ; de modo que se suppozermos b um numero maior do que qualquer numero dado, isto é, se imaginarmos o numero de partes iguaes em que a unidade se considera dividida, infinitamente grande, é claro que a grandeza de cada uma das partes, sendo infinitamente pequena, isto é, não podendo com todo o rigor mathematico ser directamente avaliada d'onde resulta que o nosso espirito não abraça com facilidade o conceber-se a existencia de uma grandeza infinitamente pequena ; mas sendo uma fracção um certo numero de partes iguaes em que uma certa unidade foi dividida, se estas partes são infinitamente pequenas, um certo numero d'ellas se pôde considerar como uma grandeza muito pequena, e por consequencia não se pôde comprehendêr perfeitamente a grandeza d'essa fracção.

Tambem se mostra que é de extraordinaria vantagem e interesse para o calculo das fracções que as fórmas sejam simples, isto é, que os seus termos sejam numeros pequenos, por isso que nós sabemos que as operaçōes que se praticam sobre a theoria geral das fracções ordinarias, ficam, em ultima analyse reduzida á execução de operaçōes analogas praticadas sobre os numeros inteiros, d'onde se segue que sendo os termos de uma fracção numeros muito pequenos, ou a sua fórmula sendo simples, teremos para effectuar certas operaçōes sobre ellas, de praticar operaçōes analogas nos numeros inteiros ; porém como estes numeros são simples, as operaçōes executadas sobre elles são tambem operaçōes simples.

Se porém tivermos de praticar esta ou aquella operaçōe sobre fracções cujos termos sejam numeros muito compostos, como estas operaçōes se reduzem em ultimo resultado a operaçōes correspondentes aos numeros inteiros, e sendo estes numeros bastante consideraveis, as operaçōes se complicam mais ; mas na passagem de uma fracção para outra cujos termos sejam menores do que os termos da primeira, isto é, cuja fórmula seja mais simples, se aponta como vantagem mais saliente o dizer-se que desde que se passa de uma fracção para outra cujos termos sejam me-

nores, ou cuja fórmula seja mais simples, que se pôde fazer a respeito da fracção realmente uma idéa senão exacta, ao menos muito aproximada ao verdadeiro.

Se pois podermos provar que essa fracção resultante é perfeitamente igual á fracção dada, isto é, que sendo iguaes em grandeza, não o são na fórmula, teremos demonstrado que se pôde por este meio fazer um juizo exacto a respeito da grandeza que uma fracção representa.

Vejamos a demonstração. Examinemos agora como de uma fracção dada, se passará para outra, cujos termos sejam menores, e diremos: para que em geral duas fracções sejam iguaes, é preciso que os termos de uma sejam identicamente iguaes aos da outra, ou então que uma delas resulte da outra, multiplicando, ou dividindo ambos os seus termos por um mesmo numero.

Mas sendo claro que os termos destas duas fracções não podem ser identicamente iguaes, por isso que os termos de uma são menores do que os de outra, e tambem como de uma fracção dada, se passa para outra cujos termos sejam menores, é claro que a segunda fracção não pôde resultar da primeira pela multiplicação de ambos os termos pelo mesmo numero, pois se com efeito de uma fracção qualquer se chega a obter outra cujos termos sejam numeros menores, não ha nem identidade nos termos, e nem tambem essa fracção pôde resultar da outra, pela multiplicação de ambos os termos della, pelo mesmo numero, é obvio que esta passagem não pôde ter lugar senão pela divisão de ambos os termos da primeira por um mesmo numero, porque ellas devem ser perfeitamente iguaes.

Então, se com efeito as duas fracções devem ser iguaes, e se uma d'ellas não pôde resultar da outra, senão pela divisão de ambos os termos pelo mesmo numero, para que pois o nosso espirito não possa vacilar em conceber a igualdade destas fracções, é necessário que se mostre com toda a evidencia possível que :

Quando se dividem ambos os termos de uma fracção pelo mesmo numero, a fracção não se altera.

DEMONSTRAÇÃO.

Tomemos uma fracção, por exemplo $\frac{m}{n}$, representando m e n numeros inteiros quaisquer e vejamos qual a razão porque, quando se di-

videm ambos os termos de uma fracção pelo mesmo numero, ella não se altera.

Notemos que, se conservando o denominador da fracção $\frac{m}{n}$, dividirmos o numerador por um numero inteiro qualquer, 7 por exemplo, é claro que a fracção resultante é tantas vezes menor do que a fracção dada, quantas vezes o numero pelo qual o numerador foi dividido é maior do que a unidade; chamemos q o quociente do numerador da fracção $\frac{m}{n}$ por 7, mas vejamos que, se essa divisão se suppõe ter lugar, sem duvida alguma q é numero inteiro, e teremos a fracção $\frac{q}{n}$; então se vê com toda a facilidade que a fracção $\frac{q}{n}$ é 7 vezes menor do que a fracção dada $\frac{m}{n}$.

Conservemos agora o numerador da fracção $\frac{q}{n}$, e dividamos o denominador por 7; ora, se também esta divisão tem lugar, o quociente será claramente numero inteiro; seja q' esse quociente, então teremos a fracção $\frac{q}{q'}$, que resulta de se dividir o denominador da fracção $\frac{q}{n}$ por 7 e conservar o numerador; mas claramente esta segunda fracção é 7 vezes maior de que a fracção $\frac{q}{n}$, porque, quando se divide o denominador de uma fracção conservando o numerador, a fracção resultante é tantas vezes maior de que a primeira, quantas vezes o numero pelo qual o denominador foi dividido é maior de que a unidade; então temos que a fracção $\frac{q}{q'}$ é 7 vezes menor do que a outra $\frac{m}{n}$ e também que a ultima $\frac{q}{q'}$ é 7 vezes maior de que a segunda $\frac{q}{n}$.

Sem duvida alguma é isto o mesmo que dizer que cada uma das fracções $\frac{m}{n}$ e $\frac{q}{q'}$ é 7 vezes maior de que a fracção dada $\frac{q}{n}$, isto é, o numero de vezes que a fracção dada é maior de que $\frac{q}{n}$, tambem a fracção $\frac{q}{q'}$ é maior do que a mesma $\frac{q}{n}$.

Ora, se o numero de vezes que a fracção dada é maior do que $\frac{q}{n}$, é o mesmo que o numero de vezes que a outra $\frac{q}{q'}$, é maior do que a mesma

fracção, segue-se que a fracção $\frac{m}{n}$ é perfeitamente igual á fracção $\frac{q}{q'}$, isto é, temos :

$$\frac{m}{n} = \frac{q}{q'}$$

Agora, analysando o que temos feito, vê-se que o numerador da segunda fracção, é o quociente do numerador da primeira, por 7, e que tambem o denominador resultou da divisão do denominador da primeira por 7.

Ora, se os termos da segunda fracção exprimem o quociente da divisão de ambos os termos da primeira por 7, e se elles são como acabamos de demonstrar iguaes, conclue-se que está clara e rigorosamente provado que :

Quando se dividem ambos os termos de uma fracção pelo mesmo numero, esta não se altera.

É na existencia d'este principio que se basa a simplificação de fracções, ou a sua reducção á expressão mais simples.

Podemos agora concluir, que a simplificação das fracções, tem por objecto dar ás fracções fórmas simplices, e que essa simplificação não pôde alterar a grandeza da fracção dada, por isso que quando se dividem ambos os termos de uma fracção pelo mesmo numero, ella não se altera, e segundo o que já dissemos, essa fracção de termos menores não pôde resultar da fracção dada, senão pela divisão de ambos os seus termos pelo mesmo numero.

Agora que já sabemos qual o objecto da reducção das fracções á sua mais simples expressão, e que mostrámos o principio que serve de base ao desenvolvimento d'essa reducção, começaremos no seguinte numero mostrando o modo geral de desenvolver-se os diferentes processos seguidos nos diversos methodos que se apresentam na simplificação das fracções, demonstraremos em geral todos os principios que servem de base aos diversos methodos, igualmente mostraremos as vantagens de uns sobre outros, apresentaremos tambem a theoria dos numeros primos, e veremos o meio de construir uma tabella, na qual se possa até um certo ponto, achar estes numeros; finalmente, acabaremos por mostrar que quando se trata de simplificar uma fracção pelo metodo do maximo commun divisor, podemos, depois de praticado o processo, achar a

fracção, de forma simples correspondente à fracção dada ou dividindo ambos os termos d'ella por esse maximo commun divisor, ou então combinando convenientemente os quocientes que resultão da applicação do processo.

(Continua).

A. C.

Duas palavras sobre a classe militar.

1.^o

Pouco competentes, e mesmo pouco habilitados para escrever sobre este assumpto, damos em compensação os nossos bons desejos, e pedimos como remuneração a desculpa se nos abalançamos a expender a nossa opinião tão francamente, como se a repetiríamos em nossa imaginação.— Amamos loucamente a carreira e desejavámos ver sanados alguns abusos e faltas, que, verdade seja, herdámos, na mór parte, de nossos antepassados : debaixo d'este ponto de vista, lembrando-nos o quanto proveitosa tem sido para o exercito portuguez, a declaração ingenua de alguns dos dignos colaboradores da *Revista Militar*, publicada em Lisboa, confiamos ao papel as nossas opiniões filhas de alguma prática, e da muita dedicação pela carreira, como acima dissemos.

Trataremos primeiro que tudo — *da praça de pret.* —

É geralmente sabido que além do serviço de fileira, em muitos outros misteres se emprega o soldado : avultam entre elles, o serviço de plantão, piquete, aviso, fachina, etc. Consentimos e até opinamos que os tres primeiros só a elle cabem devidamente ; revolta-nos porém a idéa de que em serviços tão aviltantes como o ultimo se empreguem homens cuja dignidade tão seriamente se devia olhar e respeitar. N'este ponto, não obstante, só se offende a dignidade, tractemos de outro em que se offendem dignidade e disciplina.

A cada official é dado por lei uma praça da companhia a que pertence ou a que está addido, para fazer o serviço de creado, sob o titulo de — *Impedido*, vulgarmente conhecido por — *Camarada*. Este homem que vai muitas vezes servir um official sem familia, despe a sua jaqueta, e é empregado, com justa razão da parte d'este, nas compras do mercado, no arranjo do jantar, em mandados, em limpeza de botas, roupa, etc., e

se o official é casado, em levar e trazer as meninas do collegio, andar com ellas ao cólio, emfim, em todos estes pequenos afazeres domesticos.

Se ha revistas geraes passadas pelo major ou commandante do corpo, e é avisado, umas vezes por estar em serviço do seu official, outras porque não quer ir, pretexts doença, e este se encarrega de lhe obter a dispensa competente, de forma que rara é a vez que a ellas comparece.

Ora, em vista d'isto, concordamos que a praça que passou a — *Impedido* — pôde no fim de algum tempo, saber bem fazer compras, engraxiar bem botas, ser affavel com crianças, ser bom cosinheiro, e em geral bom creado; mas nunca poderá ser militar, por isso que a inacção em que o collocam, o deshabito do serviço que de facto lhe compete, o inhibe de ser bom ou máo soldado, tanto quanto o era antes de entregue áquelles serviços.

Lamentamos porém que inda hoje isso se dê, quando um meio ha tão simples de sanar dificuldades e defeitos tão graves.

Ha ou não homens que estando perfeitamente no caso de serem praças, estão não obstante, isemptas? Ha de certo, e em avultado numero. — Como quasi ninguem ignora, a falta de um dos dentes macillares do lado direito, isempta da praça, por isso que não pôde morder o cartuxo, a falta de um ou mesmo de meio dedo na mão direita, a falta de vista, pequena que seja, e mil outras que nos abstemos de enumerar.

Porque se não lança mão d'esses homens, e se não distribue um numero igual ao dos officiaes por cada companhia para serem empregados como — *impedidos*? Não seriam perfeitos militares, verdade é; mas não seriam assim distrahidias as praças habilitadas em serviços aviltantes, degradantes e anti-militares.

Esses homens assim sujeitos não poderiam servir em circumstancias graves?

E nem se diga que desta disposição resultaria desvantagem ao thesouro, sobrecregendo-o de despezas desnecessarias, não só porque não podemos admittir que tal medida se considere superflua, como porque não vemos em que a despesa augmentasse, por isso que queremos mesmo que se conservassem os corpos com o mesmo pessoal, sem desfalcar as companhias no seu estado completo com a substituição por praças inhabileis e incapazes do serviço; só queriamos que em lugar de figurar nos mappas diarios uma parte dessas praças como impedida n'estes e outros misteres se apresentassem todas em serviços *militares* e aquellas no de *camaradas, plantões, fachinas, etc.*

Nem só a classe militar ganhava com esta reforma; lucrava a sociedade em geral, e como prova appellamos para os exemplos que a toda a hora e a cada canto temos á vista. Quantos homens no vigor da mocidade se não inhabitam de proposito, para a seu salvo continuarem n'uma vida desregrada, conhecendo-se isemptos da farda? Quantos membros não perde a sociedade, arruinados para fugir á farda? Centenares, milhares.

Sobre a substituição d'este serviço, temos lido diferentes opiniões; mas não concordámos com nenhuma dellas; por exemplo a de estipular-

se um tanto a cada official, para tomar ao seu serviço um criado. Onde se encontrará um homem, que faça todo o serviço que presta um soldado pelo custo de uma praça ao governo ? E a achal-o, qual é a garantia que esse homem apresenta, para que o official lhe possa confiar o que possue, pouco ou muito ; mas emsí, a sua fortuna, em quanto que a disciplina e a honra lh'a dão da parte do seu *impedido*.

Mas olhando por outro lado, achamos em parte razão a esses jovens que se inhabilitão por suas mãos da classe militar, culpa do governo. Uma lei ha e bem clara que marca o tempo que deve servir o voluntario e o recrutado. Essa lei não vigorando nunca entre nós, desgosta os menos predilectos pela carreira, porque sabem que vão servir... muitas vezes o duplo do tempo.

Somos pois de opinião que a cada corpo se augmentasse uma companhia de agregados para serem empregados nos serviços de *camaradas, alfaiates, sapateiros, rancheiros, etc.*, ou com praça, ou vencendo como taes, sujeitos ao mesmo rigor e disciplina, sob ajustes por um certo e determinado tempo, abatendo ao estado completo das companhias o numero de praças *promptas* distrahidas em serviço como estes.

(Continúa).

• • •

Qualidades precisas para a admissão em algumas prisões dos Estados Unidos.

Que pensais vós preciso para ser recolhido em algumas prisões da America do Norte ? Tudo quanto exige a verdadeira educação : sem isso pôr-vos-hão em liberdade.

Sobre todos citaremos como extremamente severos n'este caso os prisioneiros de Bangor, que não consentem no seu gremio, senão cavaleiros propriamente ditos. Sêde perfido quanto quizerdes ; mas apresentai-vos bem em sociedade.

Eis um exemplo :

Foi ultimamente preso um homem ordinario, desabusado, empregando em sua conversação termos poucos decentes.—Claro é que desagradou aos demais.

— Senhor, lhe disse com toda a delicadeza um dos prisioneiros, estou encarregado pelos meus collegas, os presos como eu, de vos dar parte de que não podeis ser admittido na nossa companhia.

— Porque, senhor ?

— Espero que vos digneis dispensar-me de dar uma explicação, que ferindo a delicadesa de meus sentimentos, offenderia mui justamente a vossa susceptibilidade, acção impropria de verdadeiros cavalheiros como somos todos os retidos n'esta modesta habitação.

— Quereis-me então no olho da rua?

— Bem me peza ter que responder-vos que é essa a nossa decisão.

— Com efeito, tornou Webster, o prisioneiro não admittido, podem crer que eu não pedi para vir para aqui e, se tivesse meios de me safar fiquem certos que não estaria aqui por gosto.

— N'um quarto de hora estareis solto, senhor.

— Como?

— Soubemos que fostes preso em consequencia de uma dívida que não quereis solver—uma cotisacão feita entre nós, levantou a somma que deveis, e pela qual o governo pretendia reter-vos sem vosso consentimento. Aceitai, senhor, a offerta que se vos faz, porque os prisioneiros de Bangor, homens do mundo, inevitavelmente vos assassinariam se por mais tempo fallasseis diante delles n'uma linguagem que não é a sua, e que tão frequentemente acompanhais de gestos pouco toleraveis, que nos ferem a vista.

Webster não se formalisou com o desrespeito que lhes mostravam: teve pelo contrario o mão gosto de se regosijar, aceitou o pagamento da sua dívida, e saiu da prisão dançando, o que nunca sucede em Bangor, onde os presos uma vez soltos, se mostram pezariosos por deixar uma prisão tão distinta, e que hade vir a ser, por pouco que avance, o modelo da boa sociedade da America.



COLLABORADORES.

Alexandre Rodrigues de Souza.
Antonio Herculano da Costa Pinto.
Adolpho de Sarmento.
Antonio Cavalcanti de Souza Rapozo.
Bartholomeu da Silva Magalhães.
Braulio Cordeiro.
Casimiro de Abreu.
Caetano Theophilo da Costa.
Cunha Rocha.
Eduardo Daniel Villas Boas.
Francisco de Paula Barros.
Francisco Xavier de Azeredo Souza Coutinho.
Francisco Joaquim Bittencourt da Silva.
Conego Dr. Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro.
Joaquim Herculano da Costa Brito.
Dr. Justiniano José da Rocha.
Joaquim de Oliveira Catunda.
Dr. José Alexandre Teixeira de Mello.
Joaquim Pedro da Silva.
Padre José Herculano da Costa Brito.
João Bernardo de Azevedo Coimbra.
José do Canto Coutinho Pão Brasil.
Joaquim Silverio dos Reis Montenegro.
João Rodrigues Proença.
José Carlos Rodrigues.
Dr. Luiz Corrêa de Azevedo.
Luiz Antonio da Silva Peixoto.
Dr. Laurindo José da Silva Rabello.
Luiz Antonio Burgain.
Dr. Manoel Antonio Duarte Moreira.
Machado de Assis.
Mendes Campos.
Nuno Alvares Pereira e Souza.
Padre Dr. Patricio Muniz.
Dr. Souza e Andrade.
Silvio Pinto de Magalhães.
Verissimo José do Bomsucceso Junior.
